



Franc. Alves da S.^a Saborda

FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA



u poderia dizer d'elle, como no livro de Tristan Shandy, «Viste-o já? Não o viste ainda? Quem ha que o não visse!»

Ha em Portugal um homem, de quem os governos não se lembram nunca nas occasiões de crise! que não tem logar na camara entre a maioria nem entre a opposição, porque nem é deputado! que não escreveu nunca nos jornaes, nem compoz pamphletos incendiarios, nem inquietou um ministerio, nem influiu n'umas eleições, nem fez discursos nos comicios, nem talvez leu ainda um artigo de fundo, uma proclamação, ou um edital! — e que é todavia o homem mais perigoso do paiz, por que levaria toda a gente atraz de si, se

lhe dissesse, qualquer que fosse a questão, qualquer que fosse o logar, qualquer que fosse a hora: — Eu vou! Vinde comigo!.....

Este homem é o actor Taborda.

A sympathia não se explica nunca, e deixava de ser sympathia

se estivesse ligada a uma rasão de ser; como o amor, como a aversão ás vezes, ella anda no ar, e aspira-se ao acaso; é a eterna historia da paixão de Marion Delorne: Didier é pobre, é obscuro, é humilde, — «*Qu'en faites-vous ?*» — «*Je l'aime !*» O povo, que é uma imaginação de poeta e um coração de mulher, não ama nunca por encomenda; podem os jornaes e as academias decretar as suas melhores honras a um nome da sua preferencia; o povo escolherá o seu idolo e adoral-o-ha, á luz do sol, ao clarão da lua, na casa, no botequim, na praça, applaudindo-o, festejando-o, parecendo viver para elle, defendendo-o se o atacam, apregoando-o se o esquecem !...

A popularidade não é nunca nas capitaes que se deixa bem sentir; um capricho da moda toma o ar da gloria, ás vezes; de outras vezes, a inveja e o odio usurpam o throno da justiça. Escutae da voz sincera das provincias o ecco da sua opinião; ali não se dissipam as attensões no fluxo e refluxo de uma população vaidosa e descuidada, nem se agrupam em redor de um nome os despeitos miseraveis, que odeíam a grandesa como as aves da noite a luz!

Pois bem! percorrei Portugal, parae em cada villa, em cada aldeia, em cada logarejo de dez fogos, em cada casal, em cada palmo de terra onde haja uma cabana sobre um torrão, e dizei a toda a gente d'esses sitios o nome de Taborda, — vel-a-heis sorrir !...

Tem de ordinario cada artista o seu grupo de relações, e uma sociedade especial, que constitue o seu mundo e o seu horisonte; é ali que conversam, discutem, folgam, desabaffam, vivem: um destino excepcional os separa da outra gente, e, por mais estimados que sejam, as mãos do publico só se estendem para elles quando os veem no palco e os applaudem da platéa. Se á idéa de comico não anda ligada já hoje a aversão d'outros tempos, subsiste ainda por parte da chamada gente séria um melindroso escrupulo em os não réceber em casa, senão quando n'uma festa de annos teem de recitar depois do chá uns versos ou uma scena-comica! O orgulho, o brio, a altivez proverbial de toda a alma de artista, affasta-os ainda mais da sociedade, que os não procura; e, como repelindo-a tambem, procuram esquecer as amenidades e distracções da vida nos disvarios de uma existencia, que passa alternadamente das consolações da gloria, ás amarguras do isolamento e do abandono. Ha feridas immortaes; nem se curam, nem se morre d'ellas: para os poetas e para os artistas, a desconsideração é mais fatal que a guerra, e a sua alma esmorece e assusta-se, quando sente o que ha de crueldade no

desdem com que os acolhem; em quanto a gente é moça, sonha de noite; depois, desde uma certa época, principia a sonhar de dia, e, quanto mais infeliz é, mais sonha: o mundo chama a isto ambição, e outras vezes loucura: nenhuma d'estas coisas é, nem cuido ser outra senão a aspiração da consciencia e do talento, que suffocam n'este presepio de bonecos de barro, em que os infelizes teem o triste privilegio de produzirem o vacuo em redor de si! Então, como na nossa terra a arte anda enferma, os actores, que não vêem conservatorio, nem escola, nem mestres, nem futuro, deitam-se a beber como estudantes ou a dormir como ministros de estado. Cogitando tanto do publico como o publico cogita d'elles, encontram-se uma vez enfastiados ambos, este sem os poder soffrer, aquelles sem estarem para o aturar! De tudo isto resulta com o tempo, que os actores, perdidos no obscurantismo e na indifferença de que os cercam, tractam de saber tudo... menos representar!

Uma excepção porém, excepção concedida apenas a alguns artistas do theatro normal, mas por estima, se offerece a um actor nosso por sympathia. Esperae-o agora, que elle ahi vae passando, e observa-o comigo: é aquelle homem de guedelha enorme, que parece dominado pela superstição capitular de Sansão, de que ficará sem força e sem vida no dia em que a thesoura impiedosa de um Godefroid qualquer lhe reduzir a trunfa ao feitio de uma cabeça humana; uma luneta de um só vidro vae-lhe fincada ao canto do olho direito, ao tempo que elle pisca o outro para ver melhor a gente: cairam-lhe em pleno nariz umas insidiosas bexigas, que lhe estabelecem sobre as azas os mais pittorescos promontorios, e o sorriso franco e chistoso, que brinca por baixo d'isto tudo, tem o ar de dizer aos viandantes:

— *Aqui sabe-se que não se é bonito!*

E não é; palavra de honra: — bonito, (fallemos em amizade) é coisa com que elle não se parece; mas, — recursos da natureza! — é cem vezes melhor do que isso, melhor para elle, melhor para nós, e melhor para a arte! é insinuante, é attrahente, é isso a que chamam sympathico, — sympathico! uma especie de nome proprio de Taborda, titulo, circumstancia, qualidade que lhe vive annexa, e que eu ponho aqui já no principio, para ficar livre d'este compromisso!

Vede como o cortejam, como lhe dão a cada passo um apertado *shake-hands*, como o abraçam, como se sorriem para elle, como chamam pelo seu nome!

— Adeus Taborda! gritam-lhe uns operarios, que saem da fabrica.

— Senhor Taborda, muita boa tarde! dizem-lhe uns burguezes, que vão passando.

— Meu caro Taborda, como está? perguntam-lhe no Chiado os elegantes.

— Viva o sr. Taborda! guincha-lhe um cauteleiro que vae passando.

— Ó Taborda! Como estás tu!? gritam-lhe uns estudantes da Universidade, que estão a ferias em Lisboa.

— Olha! aquelle é que é o Taborda! diz um saloio a outro, apontando-o a dedo no meio da rua.

E depois, quando elle faz beneficio, — elle, o *enfant gaté* da scena, o actor querido, o actor predilecto, o actor que tem todos os applausos e todas as sympathias! — é coisa para ver como este publico pachorrento e commodista, este bom publico que anda de vagar encostado ao seu bordão, parando a cada passo, de dia defronte da vidraça do ourives ou do cabide do capellista; de noite defronte de cada bico de gaz, que estaciona, ou de cada trem, que vae passando! — é coisa para ver, com que pressa toda esta gente corre para o Gymnasio, avida de festa, avida de scena-comica, avida de gritar e ouvir gritar, nas acclamações sinceras, espontaneas, ardentes, com que n'essas noites a platéa costuma dar expansão á sua sympathia por este talento simples e admiravel!...

Ninguem sabe nunca a que horas começa o espectáculo n'essas noites; não será de certo ás Ave-Marias, mas desde as Ave-Marias que o salão principia a encher-se. Não se vêem senão grupos de entusiastas, a darem entrada aos *bouquets*, ás corôas, ás poesias, a tudo o que o genio humano tem inventado para tornar deslumbrantes estas recepções a um artista na sua noite especial! Toda aquella gente anda alegre, esperançada, cheia de actividade, cheia de anciedade, cheia de vontade, ora a sorrir quando distribue os ramos pelos camarotes, ora a gritar de colera quando cáe um *bouquet*, quando se amarrota uma fita, quando murcha uma flôr... Ah! É aquelle o entusiasmo que não se encomenda, o entusiasmo que não se ajusta, o entusiasmo que não se promette! O unico em que se confia, o unico em que se acredita, o unico verdadeiro e certo. Em S. Carlos, por exemplo, quando mesmo a estima é sincera, as ovações raramente o são. A historia cita feitos, que não saíram obra de um outro homem, mas de um povo; as pyramides do Egypto são anonymas, os *bouquets* de S. Carlos tambem! Apparecem na superior duzentos *bouquets*: de onde vieram estes duzentos *bouquets*? Quem comprou, quem deu, quem trouxe estes duzentos *bouquets*? Ninguem

sabe! Apenas as coróas teem *paternidade*; os *bouquets* são *bastardos*!... Mas, na noite de Taborda, oh! na noite de Taborda, todas as poesias teem historia, e cada flôr tem biografia! Ali, narra cada um o trabalho a que se deu, para alcançar duas estrophes d'este ou d'aquelle poeta, algumas flôres d'este ou d'aquelle jardim! E depois, como se applaude com animo, intrepidez, e bravura! Não ha os applausos convencionaes de unir as mãos sem tirar som, moda presumida a que por ahi se apegaram por commodidade: é a qual ha de gritar mais alto, dizer *bravo* mais vezes e querer sair com a larynge mais rouca e as mãos mais inchadas, — um enthusiasmo *à portugueza*, mas que é o unico... *verdadeiro*, que nós cá temos!

De onde veiu, porém, este artista, que assim teve o condão de accordar um publico e de o attractar a si, — elle, que não safu dos bancos de nenhum conservatorio, e que, pouco a pouco, humilde e obscuramente, se formou no trabalho e no mundo? Ha quinze annos apenas, ainda elle ganhava a sua vida como typographo, n'uma officina; nascido na Villa de Abrantes a 8 de Janeiro de 1824 teve a infelicidade de ser orfão antes de haver visto a luz do dia, pois perdêra seu pae dois mezes antes de nascer, e apenas alcançou de sua boa mãe a educação que podia ter o filho de uma viuva pobre, aprender a ler e a escrever: aos nove annos, a creança veiu para casa do avô, em Lisboa, destinado a aprender um officio; todavia, por melindres vulgares em toda a familia, que estima os seus, intenderam melhor que, em vez de um officio, se diligenciasse alcançar-lhe um empregosinho em alguma repartição de estado; assim foi passando o tempo, até que, vendo-se sem officio e sem emprego, e julgando ser pesado ao avô e ás tias em casa de quem se conservou sempre, resolveu ir tractar da vida, dedicando-se á arte typographica. Ao fim de duas semanas estava elle a ganhar seis vintens por dia, e eu deixo á perspicacia do leitor calcular a alegria de um rapaz já taludo, que vê na unha, por feria de uma semana,... sete centos e vinte!...

Principiaram para o nosso homem os desejos de conhecer o bom d'este mundo: o bom d'este mundo para o menino Taborda era o theatro da rua dos Condes: passando para a imprensa do sr. Motta, ao Rocio, onde já recebia um ordenado de 320 réis nos dias uteis, experimentou a consolação de compôr os cartazes para os theatros de S. Carlos, rua dos Condes, e Salitre, e permittiu-se de vez em quando a instructiva extravagancia de ir para a geral, e admirar a arte com uma senha, que comprava á porta.

O entremez estava n'esse momento a acabar de se despedir de

nós. As comedias de Scribe invadiam os theatros, e o publico preparado já para esta nova manifestação do espirito comico, pelos espectaculos de uma companhia franceza, começava a estimar a comedia e o *vaudeville*. Sargedas que era verdadeiramente um actor gracioso, encantava o publico na execução do principal papel da imitação de Felner, *Quem tem mazella tudo lhe dá n'ella*. São ainda hoje lembradas as coplas d'esta farça; uma chuva de improvisos gallantes havia grangeado á peça o acolhimento mais ruidoso. Taborda foi ver a *Mazella*, e fez-se logo socio do theatriinho da rua do Arco, *O timbre*, onde se estreou no *Diplomata*, representando em seguida na *Mazella*. Parece que agradou immenso ali, e representando esta mesma peça muitos annos depois ao publico do Gymnasio conseguiu agradar da mesma forma, apesar dos preconceitos do nosso publico, que accusa de sacrilegio, de profanação, de suprema audacia que um actor se incumba de um papel que outro interpretou com applauso, como se cada artista tivesse de levar comsigo, quando se retira ou quando morre, as peças do repertorio em que brilhou. Conserve-se o culto pelas recordações, comtanto que elle não prejudique as individualidades que estiverem vivas. Para um entremez antigo, de mais a mais, que perigo havia? Cada actor dá uma interpretação diversa ás obras do passado, fazendo viver n'isto o sonho da sua alma e o espirito do seu tempo, que é justamente o que constitue o interesse d'essas representações em que o publico já sabe a peça de cór. Se fosse coisa possivel voltar o curso das edades e transportar a existencia, estou persuadido que o auctor dos *Fallos Mendigos*, do *Douctor Sovina* ou do *Manoel Mendes* ficariam surprehendidos pela maneira porque os nossos actores comprehendem as suas peças, e atravez das suas obras fielmente interpretadas, pressentiriam ás vezes outro sentido, intenções que não haviam tido, sentimentos desconhecidos, palavras tomadas já n'outra accepção. Por um movimento de hombros, um piscar de olhos, um meneio de cabeça, o metter de um dedo na golla do collete, denuncia-se n'uma peça antiga a época em que vive o actor!

Chegou porém o momento em que o sr. Motta, dono da typographia, resolveu construir o theatro do Gymnasio, e offereceu a Taborda escriptural-o por 9600 réis cada mez, ficando na sua officina, de onde continuaria a receber o mesmo ordenado. Para aqui toda attenção do leitor é pouca, e vae ter que fazer se quizer dar-se a imaginar os calculos de Taborda por essa occasião.

— Ceus! exclamava. Pois isto cabe no possivel!? Tresentos e vinte réis, cada dia util, mais nove mil e seiscentos réis por mez,

sem mesmo querer lembrar-me do meio beneficio, que se me concede! Mas, é a riqueza! É a situação de Crésso! Monte Christo realisou-se enfim!...

E contou aos conhecidos, aos vizinhos, ás tias, e ao proprio avô, este caso de fortuna, a que a amisade fechou os olhos, para vencerem a sua repugnancia pela carreira que elle desejava abraçar. A 16 de Maio de 1846, estreou-se no Gymnasio n'um melodrama de Cesar Perini de Lueca, *Os fabricantes de moeda falsa*, agradando muito n'um papel de aprendiz. A revolução de 46, porém, paralisou estes e outros *fabricantes*, e Taborda viu-se obrigado a ir outra vez para a officina ganhar a vida por suas bentas mãos, porque o empresario não podia pagar. Foi n'uma d'essas recitas em que apenas havia dois espectadores na platéa, que, depois do cair do panno, um actor chamou do palco um dos que iam saindo, e lhe disse reverentemente:

— Se encontrar alguém, faz o favor de lhe dizer que amanhã terá logar... o mesmo espectáculo!...

O empresario achou-se em taes assados que entregou o theatro á companhia, e deu parabens á sua fortuna por se ver d'ali para fóra. Taborda atravessou então uma crise calamitosa. Ser tragico sem dinheiro, ainda se comprehende, porque a propria devastação da bolsa incita a paixões exaltadas, mas ter graça e estar sem vintem é, — palavra de honra! — o que ha de mais difficil n'este mundo! O actor comico está sujeito a precauços os mais incommodos: imaginem um triste *gracioso*, em crise politica, com um presente de penuria e um futuro de morrer de fome, tendo ás vezes de representar de convidado, assistir ao banquete em que o roasbeaff, as gallinhas, e os pasteis, são de papelão pintado! A scena joga quasi sempre n'estas phrases:

— Meu caro Mathias mais uma aza de perú!

Mathias (com voz tremula) Dizes uma aza de perú!...

— Digo uma aza de perú!

Mathias (cheio de illusões) Pois dá cá uma aza de perú!

Um dos convidados. E mais um copo de Porto!

Mathias Sim! (*offerecendo o copo*) Deita-me um copo de Porto! (*deitam-lhe no copo uma gotta de agua de café.*) Oh! Precioso vinho! Viva a alegria!...

— Aqui tens a tua aza de perú!

Mathias Dá cá! (*apalpando a aza com a faca, e fazendo gestos de quem está trinchanto*) Viva o prazer! (*a si proprio*) Nem sequer cheira a comida!...

Um instante depois levanta-se da meza, declara estar farto, saciado, resaciado, *trisaciado*, quando, justamente ao con-

trario, aquelle espectáculo gastronomico não fez senão avivar-lhe ainda mais os furores do appetite!

Os societarios do Gymnasio dirigiram-se a Emilio Doux, pedindo-lhe para dirigir o theatro, e certo é que elle lhe deu fortuna, tanto o publico se affeicou pelo genero de *vaudeville*, que exclusivamente adôptaram. Emilio Doux, porém, cujo inquestionavel faro artistico apenas desacertou com Taborda, que elle considerava toca de onde não saíria coelho, fez com que os seus collegas, lhe haviam arbitrado o ordenado de vinte mil réis, o reduzissem a dez; esteve assim um anno, até que Doux não querendo continuar a administrar o Gymnasio, e, formando os actores uma direcção entre si, o admittiram na sociedade. Começou para este theatro a época da opera-comica, e o publico habituado apenas á arte italiana, ou ao estylo popular das coplas do *Beijo*, reccordou-se com saudade das noites do *Dominó Preto* e do *Fra Diavolo*, e affluiú ás representações da *Marqueza*, em que Taborda encarregado da parte do tenor foi vivamente applaudido. Data d'ahi a sua fortuna, a sua fama, e a sympathia que lhe consagra o publico; é a época da *Velhice Namorada*, do *Ensaio de Norma*, e do *Chinello da Cantora*, em que elle parodiava a Stoltz, n'um duetto com Moniz, que fazia a parodia de Novello.

Assim foi contiuuando o Gymnasio, até que se demoliu aquella barraquinha, que tão feliz foi sempre, e Taborda, com o desejo de aproveitar aquelle tempo de ferias, requereu a El-Rei o senhor D. Fernando implorando a sua protecção para ir ver os theatros de Pariz. O espirito finamente artistico do monarcha logo se prestou com a melhor graça a auxiliar o auctor, e elle partiu para Pariz a expensas de Sua Magestade, e muito recommendado pelo visconde de Almeida Garrett, que era então nosso ministro. Taborda sabia muito pouco a lingua franceza, e queixava-se-me d'isto, como avistando as difficuldades em que ia encontrar-se em Pariz para as conversações. Durante o mez que precedeu á sua partida, reuniamos-nos ás noites, elle e eu, no camarim, e davamos licções de francez. Eu tinha então dezeseite annos, e era traductor do Gymnasio. As licções duravam quando muito dez minutos, porque empregavamos o resto do tempo, elle a descrever-me o que tencionava fazer em Pariz, eu a phantasiar o que faria se lá fosse! Quando voltou, fallei-lhe instantes depois do desembarque, e por entre os abraços que trocámos perguntei-lhe:

— De que gostaste mais?

Respondeu-me:

— De tudo!

Começou o novo Gymnasio a funcionar a 16 de Novembro de 1852, Taborda apresenta-se delicioso de naturalidade e de chiste no *Misanthropo*, o publico applaude a sua reaparição, e festeja mais uma vez o seu talento comico no admiravel desempenho do papel de gallego n'esta farça. Todavia, — vêde bem! — a verdadeira indole de Taborda não se havia feito sentir ainda; mais tarde, aquella brilhante vocação tem de encetar um genero novo entre nós, e quando o virmos no *Miguel o Toaneiro* hão de as lagrimas encontrar-se com os sorrisos, e o actor que só nos havia feito rir ha de fazer-nos chorar tambem, mas, — vae n'isto a singularidade do seu talento! — far-nos-ha chorar e rir na mesma peça, no mesmo papel, e com a mesma caracterisação!

É que, com quanto seja Taborda um excellente actor comico, não é a gargalhada o que elle consegue melhor. É mais um actor cheio de talento, do que um actor de muita graça: a graça d'elle reside na incomparavel naturalidade com que diz as coisas, na simplicidade comica dos gestos, e na expressão franca e suave de uma phisionomia, que a toda a caracterisação, que se lhe queira imprimir, se presta. Simplicio da Paixão ou o Zé do Capote são typos magnificos de verdade, mas reforçam-me o conceito que formo do talento d'este actor, considerando que a sua vocação ao que mais se presta, no comico, é á copia; na copia é unico, inimitavel: recordem os que viram a *Velhice namorada sempre leva surriada*, a exactidão photographica com que Taborda apresentava o popularissimo fiel de feitos, em tão habil retrato, que valleu ao original as honras de Lisboa inteira o querer conhecer, para os confrontar! Emquanto ao heroe da parodia do *Trovador*, todo o publico applaude hoje ainda, quer nos gestos, quer no canto, o faceto contractador de senhas, imitando na execução d'esta opera Benaventano, Nery Baraldi, e Parepa, agora com os ares truanescos do baritono, logo no modo piegas do tenor, depois nos presumidos meneios da anafada *prima-dona!*

Nos papeis, porém, que exigem a creação de um typo não cuido que Taborda seja tão perfeito e tão completo como n'aquelles em que o seu talento apenas teve que observar e de reproduzir. Diz-se que Balzac não podia contar senão *d'après nature*, e que as admiraveis descripções, que nos maravilham nos seus romances, tinham nascido das constantes investigações a que o prestigioso phisiologista se entregava observando os bazares, os salões, os *boudoirs*, para depois dispor a seu gosto os moveis, os quadros, as figuras, tudo quanto havia encontrado, e que só depois de ter visto emprehendeu descrever, distribuindo a luz e a côr conforme os effeitos que estudára. E quem nos diz que á

similhança do illustre escriptor, que não só era um grande philosofo mas um grande artista, não seja Taborda um espirito mais observador que creador, cuja superioridade resida antes no dom de reproduzir fielmente tudo que encontra no seu caminho, do que nos recursos brilhantes mas incertos da imaginação e da phantasia? É sempre um grande talento, aquelle que fielmente retrata o que observou. Rousseau poz na primeira pagina do seu mais bello livro, o da *Nova Heloisa*, — «*J'ai vu les mœurs de mon temps, et j'ai écrit ce livre!*» — Os vultos que hão de ser eternamente recordados como creações esplendidas de sentimento e colorido veremos, se lermos os biographos, haverem sido não creações mas retratos; Goëthe viu Margarida, Rousseau conheceu Julia, Schiller amou Amelia!...

E, para que tudo lhes diga em leal verdade, não sei eu bem, a que chamam por ahi os actores, *crear um typo!* Em arranjando um nariz enorme curvado sobre o beijo superior, como um papagaio a comer uma ginja; uma cabelleira cõr de cenõira cozida; uns colleirinhos sem rasão; e umas perzilhas sem senso-commum, dão-se a gloria de rivalisar com os vegetes de carnaval, e com o seu classico creado de farda, que sempre os acompanha, como cumpre, de cesinho no braço e luneta de papelão pendurada n'um barbante, e intendem modestamente haver creado um typo comico! O entremez de nossos paes, esse sim, que encerrava toda a comedia humana! Quatro ou cinco typos chegavam-lhe para tudo! Sinfonio ou Pantaleão representavam a familia, Leandro, o tollissimo namorado que quer casar, Manoel Mendes o velho gaitero, Lucinda o ideal.... o dote, a flõr da mocidade, da belleza,... e da burra paterna, Micaella e Crispim o espirito, a mobilidade, a audacia, a tranquiibernia! Hoje, porém, que está descoberto o *vaudeville*, a *parodia*, e a *revista do anno*, baniu-se a farça, a titulo de burgueza, lealdosa, simpleirona, por não ser *intima*, por não ser *transparente*, como a chamada comedia fina, aquella casta de comedia que não come e que não se assoa, falla por entre os dentes, tõiça em tudo com as pontas dos dentes, e sorri de um lado só! Oh! a farça, é a unica coisa verdadeiramente jocosa d'este mundo; os inglezes ainda hoje a adoram; um marido caustico, uma esposa galhofeira, e um francez que é mestre de dança: a esposa está tomando licções da polka, — entra o marido, que ignora similhante progresso, vae-se ao francez, e atira-o de cócoras com um murro de primeiro quilate britannico!... Os nossos actores, porém, que teriam o maior escrupulo de representar hoje os modestos entremezes do *Peralta mal creado*, ou dos *Dois Velhos namorados*, não teem nenhuma du-

vida em enthronisar a farça na comedia por mil chocarrices de Polichinelo enfarinhado, chocalhando os guisos do barrete de bobo, até que a absurda hilariedade das platéas rompa em applausos nos extravios da arte!...

Como excepção a tudo isto, Taborda apenas se aventura, timido e medroso, a qualquer tentativa que lhe pareça sair das condições da mais concisa naturalidade. Como todos os artistas, elle tem as suas noites de má ventura; isto é, tem os seus papeis de predilecção, que são de uma indole perfeitamente adaptada ao seu talento, e tem tambem alguma vez um pouco de indisposição de animo, que torna o seu espirito de um humor menos feliz que de ordinario. Em occasiões assim, póde Taborda declinar da grande elevação em que a execução dos seus papeis costuma sempre a residir, mas ha de peccar ao contrario do que peccam os outros, e em quanto elles errarem por cair na exaggeração, errará este apenas por fugir de mais da exaggeração, deixando velar a aureola do seu talento na penumbra de monotonia, que nasce da simplicidade extrema!... E isto mesmo nos auxilia a fazer sentir que um talento d'esta indole não póde nos papeis puramente comicos estar tão seguro de si, porque se os *vaudevilles* vivem na esphera do disparate e do absurdo, os typos que figuram na acção d'esta ordem de composições estão fóra da natureza e da verdade; logo, como ha de uma vocação, que se distingue pelas condições do simplès e verdadeiro, desempenhar agilmente papeis, cuja feição se mostra alheia ao seu character?!

Chega emfim *Miguel o torneiro*, e uma nova face do talento de Taborda se manifesta, sendo este, a meu ver, o verdadeiro instincto de sua vocação. Miguel o torneiro é o homem ordinario, como se usa chamar-lhe, o character simples, franco, e bom! Em cada phrase, em cada gesto, em cada olhar, se mostrava sublime aquella alma de artista; o publico ria com elle nas primeiras scenas, e com elle chorava quando o ciume ia suffocar aquelle coração, que expansivo nas horas alegres se conservava nobre no sentimento; oh! com que arte, ou antes, com que dom esplendido de genio, Taborda representava este papel, entretendo o publico entre sorrisos e prantos, e seccando-lhe subitamente as lagrimas com o *couplet* final!

Quando em 1856, o nosso artista foi ao Porto, receberam-o, n'essa cidade enthusiasmicamente hospitaleira, com a alegria mais viva e mais sincera. N'uma recita em que se dava *Miguel o torneiro*, estava a sala do theatro de São João apinhada de espectadores, e Taborda admiravel de inspiração e de naturalidade encantava o publico pelo admiravel desempenho d'este papel:

chegára-se á scena em que Miguel enche a malla de viagem do seu rival, que vae partir; então, ao dizer de uma phrase em que a voz do actor se fez sentir tomada pelas lagrimas, ouviu-se na platéa um *bravo*, de admiração espontanea; fôra Camillo Castello Branco quem o soltára, commovido; Camillo Castello Branco de lagrimas nos olhos! E se o actor tem de que orgulhar-se nas sensações que desperta, deve talvez provar a Tabora o condão do seu talento, ainda mais que o enthusiasmo de um publico, o pranto de Camillo, por ser mais difficil de accordar!...

Convidado, em 1857, pelos estudantes da Universidade de Coimbra, representou no theatro academico, onde produziu um verdadeiro delirio de enthusiasmo; entre muitas demonstrações de estima, sei que lhe offereceram um valioso anel com esta inscripção: *A Academia de Coimbra a Tabora: 1857*: e o fizeram socio do Instituto; ha tanta honra para o artista como gloria para os academicos, n'estas distincções; n'esta época em quasi tudo é falso, o dinheiro, a honestidade, a elegancia, o merecimento, e o enthusiasmo, valha-nos ao menos haver ainda um resto de gente sincera, dedicada, intelligente, e generosa, o que nos leva a crer que ainda existe uma coisa boa n'este mundo, além das mulheres — os rapazes!...

Voltou ainda ao Porto, mas com a companhia. De sua memoravel viagem no *Lusitania* ha para referir um gallante caso. Elle enjoa como um miseravel, e, comquanto tome sempre passagem na primeira camara, nunca sáe da tolda, onde se conserva em suspiros ridiculissimos, em abrimentos de bocca os mais pantafassudos, e em ancias, vomitos, e gemidos de condemnado! N'essa occasião, insipido como uma ameixa, amarello como uma cidra, tropego, de braços cahidos, pescoço á banda, e lingua de fóra, aos tombos sobre o parapeito do barco, de lagrima no olho, e luneta pela venta acima, avistou um dos criados, que o espreitava pasmado do cimo da escada, que conduz á camara, e, em voz debil, e chorona, disse-lhe com uma careta de vomitado:

— Ó senhor, dá-me um caldiño?

O criado ficou perdido de riso, e susteve-se no corrimão para não cahir com o impeto das gargalhadas.

Tabora repetiu, com uma accentuação ainda mais lambida.

— Um caldiño, senhor! Se faz favor!...

O criado, em vez de ir buscar-lhe o caldo, deitou-se aos braços a elle, examinando-o como um bicho raro ou uma planta exotica:

— Ai! que maganão este!... Até assim me está a dar vontade de rir!!

No Porto, repetiram-se ao popular artista os entusiasticos triumphos, com que o seu talento costuma ser festejado por toda a parte. Tanto ahí como em Guimarães, para onde depois seguiu, deu as principaes scenas comicas do seu repertorio d'essa época, que ainda não alcançava o *Zé do Capote*, de Paulo Midosi, mas tinha já os *Dois Primos*, de Duarte de Sá, o *Cantor Cosmopolita* e as *Reflexões de um bailarino*, traducções graciosissimas de Antonio Mendes Leal, mancebõ de immensa habilidade, a quem um louco destino affastou da carreira das letras, para seguir a existencia errante de actor em companhias de provincia.

O que na França foi por algum tempo o genero privilegiado de Levassor, a scena-comica, tornou-se em Portugal um genero exclusivo de Taborda. Teem alguns actores do paiz procurado entrar n'esta seara, mas todos teem sahido até hoje do tentamento pouco resolvidos a renovar a experiencia. De velho, de saloio, de janota, de corcunda, ou de dançarino disfarça-se elle por fórmula desconhecida que nem pela voz seja dado conhecê-lo, — e todavia, ninguem exita em o adivinhar sob qualquer transfiguração, tanta distancia vae d'elle a outros n'este genero de obras, que, por mais que o imitem, se differença a ponto de não ser preciso ler o cartaz para se saber que é elle e não um collega, vantagem sobre os pintores de escola, que precisavam assignar os seus quadros com o classico *propria manu pingebat*! Uma scena, a meu ver, não se tolera senão quando é cheia de espirito, e dita por um actor assim. O genero não me parece servir senão para lisongear as vaidades de um artista, e para, de vez em quando, enfastiar o publico. Reduzir uma acção dramatica espremendo-a de forma que entre por força ou por geito, com a exposição, situações, e desenlace, n'um monologo de duas folhas, um soliloquio que deve durar um quarto de hora, equivalle a fazer habilidades, como escrever cinco novellas sem as letras vogaes, metter a salve-rainha no espaço de uma moeda de meio tostão, ou fazer accrosticos n'uma só rima! Uma scena-comica não chega a ser um esforço d'arte, como a *preghiera de Moysés* n'uma corda só pelos rebequistas; é apenas um *hors d'œuvre* como diz a lista do Malta á margem de algum pitéo absurdo; sempre que se tem querido dar-lhe proporções de comedia, admittindo duas figuras e estabelecendo dialogo, desmancha-se logo e se desbarata similhante castello... de uma carta só; uma scena-comica é como uma costureirinha; tem uma só touca, e um só vestido, que é o que traz no corpo; ponde-lhe um mantelele e um *burnous* d'inverno, mataes a rapariguinha, que ficará suffocada debaixo dos adornos com que a enfeitaes;

a acção de uma scena-comica é tão leve, e, por consequencia, tão pequeno o interesse, que dividil-a por duas pessoas.... é um desperdicio!

Em 1859, pediu Taborda aos seus collegas que o deixassem descansar um mez, e, depois de obtida a licença, principiou a descansar... andando até ao Alemtejo! Foi recebido em Evora como uma borboleta branca, e no dia em que partiu de Beja ficou sem saber de qual d'estas terras devia ter mais saudades. Ia elle em companhia de Francisco Fernandes, o sincero artista de quem toda a gente fica gostando assim que lhe falla, e pernoitaram depois de sair de Beja, n'uma estalagem a poucas legoas de distancia. Chovia como se a humanidade tivesse pedido bis ao diluvio, e a estalagem dava tão bom agasalho, que chovia lá dentro como na rua, — como cumpre ás melhores estalagens, para terem *cór local!*... Levaram toda a noite de cabeça debaixo da roupa, trocando apenas de tempos a tempos, uma ou outra phrase abafada, e em que a resposta nunca ia *no mesmo caso da pergunta*, porque nenhum d'elles ouvia o outro!... Partiram de madrugada estes generosos desconhecidos, não sem o previdente Taborda ir encher o seu frasco de viagem a uma casa de venda, onde, quando já ia a sair, lhe perguntou um sucio:

— Você não é que é o Taborda?

— Um seu criado, senhor! respondeu-lhe Zé do Capote.

— Então não se demora por cá?

— Quero aproveitar o tempo para ver o mais que pudér! replicou ainda o Tio Matheus.

— Pois então, para que viva por muitos annos!

— Dobrados dos de vocemecé, para sempre me lembrar de si! retrucou Simplicio da Paixão, montando a cavallo.

Partiram estes dois *generosos desconhecidos* para o seu destino; haviam já caminhado duas leguas, e a chuva sem os largar, quando ouviram uns gritos muito ao longe... Era justamente na occasião em que os arrieiros lhes iam contando uma historia de malfeitores que costumavam atacar os passageiros, historia de uma acção lugubre e pavorosa, a que o Taborda já ia prestando a sua attenção mais conscienciosa. Quando ouviu que o chamavam,... teve pena de não estar em Lisboa!

— Ó Fernandes, tu não ouves chamar?

— Oíço!

— E então?

— E então, vamos vér o que nos querem!

— Não será tolice?! Que me dizes antes á idéa de nos safarmos apesar de tudo que elles possam querer?

— Mau expediente! Não é esse o estylo... no Alemtejo? Tão mal fazem!...

Tornaram a chamar.

— Paremos aqui! disse Fernandes, cheio de gravidade.

— Debaixo d'este pinheiro? perguntou Taborda.

— Debaixo d'este pinheiro!

— Está bom! Esperemos ao abrigo da chuva o ataque do inimigo!

— Não trouxeste as pistolas?

— Um par d'ellas, meu amigo, um par!...

— Sempre é bom tel-as seguras!

— Estão segurissimas. Estão no fundo das bagagens, muito acondicionadas!

— Oh! Com os diabos!...

— E tu não tens pistolas?

— Tres pares!

— Ah! Conta-me isso! Dá cá duas?

— Tomára eu uma!

— Uma qué?

— Uma pistolla!

— Pois não acabas de me dizer que tens tres pares?

— Tenho,... mas é lá em minha casa...

Avistou-se já perto um homem a cavallo.

— Um homem a cavallo!

— Um homem a cavallo!

— É um salteador!

— É uma victima!

— Vem atacar-nos!

— Vem a fugir!

— A fugir... da chuva?

— A fugir dos ladrões!

— Traz na mão um sacco encarnado...

— Unica reliquia, talvez, que poudes salvar! É talvez o retrato de sua filha...

— O sacco encarnado é o retrato de sua filha?

— Não! Digo que talvez contenha o... Que vem elle a gritar?

— Escuta!...

— Schio...

— Ó senhores?

— Dirige-nos a palavra!

— Váe ahi o Taborda?

— Pronunciou a minha sentença, pronunciando... o meu apellido! Comigo é que vão ser as contas! Tiro-lhe os olhos com

os dedos, á maneira dos chinas! Vou cegar este salteador!... Que é lá isso? Que quer você ao Taborda?

— Ah! É o senhor?

— Graças a Deus que sim!

— Ainda bem que o apanhei!

— Olhem lá!...

— Venho de parte do sr. Firmino entregar-lhe este bilhete, mais esta encommenda!...

— Vejamos o bilhete! diz Taborda.

— Vejamos a encommenda! exclamou Fernandes.

Um instante depois:

— Ah! Ah! Ah!

— Ah! Ah! Ah!

— Um bilhete molhadissimo em que se me offerecem umas garrafas de vinho do Porto!

— E umas enxufissimas garrafas, que o conteem!

E riem ambos como doidos, partindo depois para Vianna, onde estiveram em casa de um irmão de Moniz, o finado actor, voltando depois a Evora, e seguindo até Badajoz onde estiveram dois dias, porque, no dizer d'elles, a terra não é para hospedes; vieram a Elvas, e ainda foram depois a Portalegre. Quando elle me descreveu todo o itinerario d'esta passeata, rapida de mais para poder divertir-se, mas que, em todo o caso lhe deixou recordações agradaveis, disse-lhe eu, que tambem tenho costella de *touriste*:

— Apesar de tudo, meu amigo, sabes para que se viaja?

— Para que?

— Para voltar depois!...

Elle disse-me ao ouvido:

— É verdade,... mas não espalhes isso!

O que eu não saberia descrever, é a alegria com que o festejam os seus amigos sempre que elle regressa das suas digressões; alegria que começa a manifestar-se desde o desembarque até á sua appareição-em scena, a toda a hora e em todo o lugar, porque quando se diz os amigos de Taborda, diz-se... o publico!...

É pena, todavia, que o seu repertorio seja quasi sempre tão insignificante, e que elle se veja condemnado a encarregar-se por vezes de papeis trivialissimos em peças ainda mais triviaes.

As comedias a que estão reduzidos actualmente os nossos theatros, são do genero *insupportavel*, um genero novo de comedias sem graça e sem idéas, ineptas no fundo, e brutaes na fórma. A veia comica entre nós tem os fóros da raridade. A comedia de costumes torna-se uma empresa arriscada; o thema dos pecca-

dos mortaes tem sido tratado em todas as faces possiveis, e já não tem que dar. As proporções de verdade a que aspiram as composições modernas, dão em resultado semsaborias monstruosas, e os typos do entremez classico, — deixem-me chamar classico ao entremez! — que eram uma especie de mascaras, detraz das quaes o auctor se escondia para fallar ao publico, não contentava já a furibunda sêde de realidade; é indispensavel ter cada personagem o seu nome próprio e o seu appellido, uma posição difinida, exactidão de costumes, e, sempre que possa ser, indicar a rua em que mora, o numero da sua porta, quanto paga de renda, e se tem ou não fiador!... Tudo isto é insipido, e tolissimo; a arte não póde prestar-se a similhante fidelidade de daguerreotypo; um quadro não é um espelho!...

Queria citar os principaes papeis de Taborda, mas que extensa lista! *Quem porfia matta caça*, de Mendes Leal; *Á porta de rua*, *A bofetada*, *O marido que se desmoralisa*, *O carrilhão de Mafra*, *O verão no campo*, *O mudo*, *Como se transforma um caloiro*, de Lopes de Mendonça; o *Andador das almas*, de Francisco Palha; *Pedro o tecelão*, *Uma novella em acção*, e mil outras que não me lembram, nem a elle lhe lembram já talvez, com quanto ainda lembrem ao publico; assim, *Dois mundos*, *O que tem de ser*, *A medalha da virgem* e a *Primavera eterna*, de Ernesto Biester; tres actos encantadores de simplicidade, de sentimento, e de galantaria. A estes, e a muitos outros papeis ainda, accrescentae um numero maravilhoso de scenas comicas, em que cada personagem é um typo, e cada typo um prodigio!...

Tem por muitas vezes corrido o boato de sair Taborda do Gymnasio, para entrar no theatro normal, e todos os commissarios do Governo teem feito diligencias para o alcançarem; nenhum ainda o conseguiu, felizmente para o Gymnasio, que morreria n'essa hora, felizmente talvez para Taborda mesmo, que morreria horas depois. O genero de peças do theatro normal teria necessariamente de o affastar de scena, ou de o sacrificar a papeis em que a indole do seu talento se encontrasse alheada e perdida. É um theatro grandissimo, em que os actores são como gigantes, e em que as peças não acabam nunca! Precisa ali qualquer coisa ser enorme, para se vér; fazer muita bulha, para se ouvir! O estylo que por lá se usa, não é o das amenas conversações do thio Matheus, nem dos suffocados suspiros do torneiro Miguel. Ninguem falla em casa, como ali; falla-se ali como em mais parte alguma. Exemplo:

- Detraz d'essa porta ha uma galeria!
- Que oiço!

- No fim da galeria, um subterraneo!
- Céos!
- No fundo do subterraneo ha palha!
- Piedade!
- Em cima da palha está uma bilha!
- Ó meu Deus, eu t'ò agradeço!
- Por traz da bilha está um prisioneiro!...
- *(com um grito dilacerante)* Ah!...

E depois, os theatros pequenos são os melhores, por mais que me digam; deixam observar bem os artistas, o jogo da sua phisionomia, o mais leve olhar, o mais leve sorriso, o mais leve gesto, todo o trabalho delicado e fino que constitue a arte do actor e que em distancia se perde! Dispensam de gritar, deixam ouvir phrase por phrase, e servem até para disfarçar melhor... nas recitas em que não teem publico!...

Oh! Não! Sair do Gymnasio, nunca! Foi ali que elle nasceu para a arte, e que pela primeira vez chegaram ao seu ouvido as ruidosas consolações da gloria! Ganhou ali o seu nome, e as sympathias que se lhe prendem; ganhou ali o publico! é o seu berço é a sua familia de artista; é o seu throno de rei! Taborda é o Gymnasio! o Gymnasio é Taborda! uma alma em dois corpos, tão fortemente unidos que não possam separar-se nunca! tem um de soffrer pelo outro, e de se alegrarem ambos pela alegria de cada um! Oh! que se conserve ali, n'aquelle popular theatro, o nosso popular actor, e que o seu repertorio seja tão original, tão variado, e tão abundante, que possamos vel-o em todas as peças, em todas as recitas, e todas as noites! — todas as noites, sim! basta que o deixem descansar uma noite por semana,... para deitar bichas!...

JULIO CESAR MACHADO.

VIAGEM DA FRAGATA AUSTRIACA NOVARA

À roda da terra durante os annos de 1857, 1858 e 1859



a quatro annos os jornaes da Europa annunciavam um projecto, que estava a ponto de ser levado a cabo pelo governo austriaco, e que era como a solemne inauguração da marinha austriaca, até então pouco notavel ou quasi nulla. Era a planeada circumnavegação, em que a fragata *Novara*, de poucos annos saida do estaleiro, deveria ir mostrar nos portos mais celebres do mundo a bandeira imperial, á qual eram ainda inteiramente desconhecidas as mais remotas escalas da moderna navegação.

Sob o commando do commodoro von Wuellerstorf-Urbair, capitão de mar e guerra da marinha austriaca, se começou a circumnavegação, partindo a *Novara* de Trieste no anno de 1857 e volvendo ao mesmo porto em 1859 ao termo de uma lon-

gissima viagem, fecunda em observações e resultados, com que o governo tivera empenho de illustrar as sciencias, que auxiliam e aperfeiçoam a navegação, e as que illucidam os phenomenos da natureza.

Ha pouco mais de tres mezes se publicou em Vienna o primeiro volume da relação d'esta curiosissima viagem. Tem por titulo *Reise des Oesterreichischen Fregatte Novara um die Erde in den Jahren 1857, 1858, 1859*, ou *Viagem da fragata austriaca Novara á roda do globo nos annos de 1857, 1858 e 1859*.

O tomo publicado, impresso na typographia imperial de Vienna, com a sumptuosidade, que é proverbial n'aquella exemplarissima officina, adornado de primorosas illustrações, gravadas em madeira, e de cartas illustrativas da derrota seguida pela *Novara*, é a primeira parte da descripção ou narrativa da viagem. Concluido que seja o relatório da circumnavegação, deverão seguir-se outros volumes destinados a publicar os preciosos resultados das investigações emprehendidas, durante tão largo trajecto, pelos sabios da expedição.

Todas as nações maritimas registam nas suas memorias navaes a relação de mais de uma d'estas viagens aventurosas, em outros tempos até mesmo temerarias, em que affoutos navegantes se arriscavam aos perigos, por dilatar os dominios da geographia e da arte de navegar, e por trazer á sua patria em valiosa colheita scientifica o fructo de suas explorações.

Honramo-nos os portuguezes, com razão, de termos dado o berço ao primeiro mareante, que se abalançou aos azares de tão larga derrota, como foi a de circumnavegar o globo, até então ainda virgem para a geographia em muitas das suas regiões. É com Fernando de Magalhães que principia a serie dos nautas, que largando ferro de um porto, n'uma dada direcção, vieram ao cabo de alguns annos a surgir no mesmo ancoradouro, depois de haverem cingido o globo com a sua loxodromia. As navegações de Cook, do almirante lord Anson, de Dumont d'Urville, de Duperrey são classicas hoje na sciencia e na historia naval. Desejou a Austria não deixar o seu nome em branco na lista das circumnavegações. Para esse fim se destinou a fragata *Novara*, que no arsenal de Pola se havia fabricado. Queria o governo imperial responder com a viagem decretada a tres imperiosas necessidades, todas igualmente importantes, se bem que de diversa cathegoria. Adestrar os novos officiaes da marinha austriaca e as tripulações ainda pouco industriadas, no aspero e trabalhoso officio do mar, buscndo illuminar pelas luzes da sciencia as praticas da navegação e do serviço naval; mostrar o pavilhão austriaco em paragens, onde nunca se havia desfraldado nos mastros de um navio de guerra, e tambem e mui principalmente, proceder a conscienciosas observações sobre a geologia e a physica do globo, e colligir tudo quanto podesse

enriquecer a historia natural; taes eram os designios, com que fôra concebida a projectada circumnavegação.

Foi eleito por chefe da expedição o capitão Wuellerstorff-Urbair. Escolheu-se o estado maior entre os mais distinctos officiaes da armada imperial e para acudir a todas as provincias da sciencia, para que não bastavam os officiaes, aggregou-se á fragata uma commissão de exploradores scientificos, os quaes foram: para a physica do globo e a geographia o dr. Frederico Hochstetter; para a botanica o dr. Eduardo Schwarz e o jardineiro Jellinek; para a zoologia George Frauenfel de João Zelebor; para a geographia e ethnologia o dr. Carlos Scherzer. O pintor José Selleny seguia a commissão dos sabios, como um indispensavel collaborador.

Recebeu a *Novara* as instrucções scientificas da academia imperial das sciencias de Vienna. Pedidos e recommendações para estudar varios pontos especiaes teve a expedição de muitas outras academias e sociedades scientificas, taes como a sociedade imperial e real de medicina. O venerando auctor do *Kosmos*, que até aos ultimos dias de sua dilatada e laboriosa existencia se votou com incansavel dedicação aos interesses e progressos da sciencia, saudou com a alegria do antigo viajante e com o fervor do sabio, illustrado por tantas expedições, a que de novo se planeava, e da qual antevia os mais fecundos resultados para a physica do globo e para a geologia, predilectos assumptos de seus estudos e de suas excursões. Com o titulo de *Lembranças physicas e geognosticas (Physikalische und geognostische Erinnerungen)* dictou Humboldt algumas preciosas instrucções sobre muitos problemas de sciencia, que reclamavam ainda para sua illustração novas e mais accuradas investigações. Este trabalho de Humboldt, por ventura as ultimas paginas escriptas pelo immortal naturalista, vem publicado no appendice do primeiro volume da viagem, o qual temos presente e foi offerecido pelo chefe da expedição á Real Academia das Sciencias de Lisboa.

Tomadas todas as disposições para a viagem decretada, foi escolhida para a expedição a fragata *Novara*, que em 1850 saíra dos estaleiros de Veneza. Dispozeram-se as accommodações interiores para alojar decorosamente a commissão de sabios e para conceder espaço sufficiente e arejado, onde os officiaes e naturalistas podessem entregar-se a seus estudos durante a navegação. Proveu-se a fragata de numerosos e selectos instrumentos e aparelhos dos que se necessitavam para as variadas observações, que no mar e em terra se haviam de empregar e attentou-se por tudo o que poderia em tão dilatado trajecto favorecer a saude e a commodidade do estado maior e da tripulação.

A 30 de abril de 1857 largou a fragata *Novara* do ancoradouro de Trieste, onde se haviam concertado os ultimos apercebimentos da ex-

pedição, depois de haver sido visitada pelo archiduque de Austria, Fernando Maximiliano, commandante em chefe das forças navaes austriacas.

Desde 30 de abril de 1857 até 30 de agosto de 1859, em que a *Novara* surgiu de novo nas aguas de Trieste, decorreram dois annos e quatro mezes, que tantos durou aquella feliz e larga navegação.

Durante este espaço de tempo visitou a fragata muitos portos situados nas cinco partes do mundo. De Trieste singrou para Gibraltar, onde se demorou alguns dias. De Gibraltar seguiu para a Madeira, onde as bellezas d'aquelle formoso clima attraíram por muitos dias a attenção dos viajantes. Da Madeira foram aportar ao Rio de Janeiro. D'ali atravessaram o oceano n'um trajecto de mais de sessenta graus para fundearem na bahia de Simon no Cabo da Boa Esperança. Do Cabo approaram á ilha de S. Paulo. D'ali velejaram em demanda de Ceylão. D'este porto se dirigiram a Madras. D'aqui á ilha de Nicobar. Entrando depois no estreito de Malaca aportaram em Singapura. D'aqui foram fundear em Batavia. Depois surgiram em Manila, nas Philipinas, até que a 8 de julho de 1858 lançaram ferro no primeiro ancoradouro chinês em Hong Kong, donde avançaram para o norte até ancorar em Shangai. Aferraram depois successivamente em Puynipet, no archipelago das Carolinas e na ilha Stwarts. A 5 de novembro de 1858 entrava a *Novara* no porto de Sidney na Australia e no solsticio do inverno aportava em Auckland, escala a mais oriental de toda aquella navegação, a quasi 18° de longitude leste do observatorio de Greenwich.

A viagem até Auckland, desde 30 de abril de 1857 até 22 de dezembro de 1858, tinha durado um anno e quasi oito mezes, entrando n'este tempo o que a fragata se demorára em todas as numerosas escalas, que ennumerámos. De Auckland começou a *Novara* a retroceder para o occidente a 8 de janeiro de 1859, e foi Taiti o primeiro porto, onde ancorou a fragata no seu regresso á Europa. D'aqui por diante a navegação tornou-se mais monotona pela raridade das escalas. As novas recebidas da Europa ácerca da situação da Austria, então em guerra com a França e o Piemonte, obrigaram o commodoro a alterar o plano primitivo da circumnavegação e a abreviar a rota, para vir associar-se á fortuna das armas imperiaes. A 17 de abril tocou a fragata em Valparaiso na costa occidental da America do Sul, e d'ali costeando o novo continente, dobrando o cabo Horn, e engolfando outra vez, veio em direitura á Europa, tocando em Gravosa, no mar Adriatico a 21 de agosto e aportando finalmente em 30 de agosto de 1859, a Trieste, d'onde havia começado a circumnavegação.

A fragata *Novara* havia percorrido em volta do globo uma linha de 51.686 milhas maritimas, segundo affirma o commodoro Wuellers-

torf-Urbair no prologo do seu livro, posto que o dr. Scherzer exagera este algarismo n'uma carta dirigida á Sociedade da Historia Natural de Batavia, e inserida nos *Verhandeligen* (memorias) d'esta illustre associação, ultimamente recebidas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. Havia visitado vinte e cinco portos differentes, navegado durante 551 dias, e tinha estado ancorada 298.

Na obra que tem por objecto a narração da viagem, a cada uma das escalas, seguidas pela *Novara* é consagrado um capitulo especial. N'esta parte da obra, a que deve seguir-se a publicação dos resultados scientificos da expedição, se acham agradavelmente colligidas as que se chamam propriamente as impressões dos viajantes, dando-se dos aspectos e produções da natureza nas diversas regiões, a noticia, que permittia um trabalho, destinado tambem á pintura dos costumes, á descripção do estado social e politico, e por vezes tambem ao desenho humoristico de tudo o que n'uma larga peregrinação pôde inspirar ao viajante a consticidade das reflexões.

Deixemos os capitulos, em que o commodoro Wuellerstorf-Urbair descreve meudamente os aprestos da expedição no arsenal de Pola e em Trieste; esqueçamos as descrições de Gibraltar e a justa admiração que excita no marinheiro austriaco a vista d'essas collossaes e artificiosas fortificações, com que a Inglaterra assegura ciosa a chave do Mediterraneo. Passemos a minuciosa descripção do Rio de Janeiro, que merece ao viajante allemão lisongeiras apreciações e votos de sympathia. Deixemos o Cabo da Boa Esperança, a que na obra vem dedicado um curiosissimo capitulo. Consinta-nos o leitor o preterir os capitulos, que se referem á ilha de S. Paulo, a Ceylão, com os seus templos buddhistas e os seus estranhos costumes singaleses, a Madras, com as suas tradições brahmanicas, e com a mescla singular dos seus costumes hindustanicos e inglezes. Fixemos a nossa attenção no capitulo em que o commodoro Weullerstorff paga o tributo justissimo da sua admiração á belleza da Madeira, da flor mimosa do oceano, d'este abençoado torrão, onde a natureza se touca e enfeita de uma eterna primavera e realisa quasi litteralmente as suspiradas formosuras do Eden tradicional.

De todos os capitulos de que se compõe o primeiro volume da viagem, é o mais extenso o que descreve a ilha da Madeira. Sessenta e quatro paginas lhe foram destinadas.

O capitulo ácerca da Madeira abre-se pelas seguintes palavras que fielmente traduzimos do original allemão.

«É extraordinariamente deliciosa e magnifica a primeira impressão que a vista do Funchal causa ao viajante com a perspectiva dos seus jardins e das suas flôres e com a opulenta vegetação, que engrinalda e corôa os montes, que se elevam desde a margem. Não ha ali, é verdade, a

selvatica magestade, nem as fórmãs collossaes da vegetação, que é propria dos paizes dos tropicos. Sentem-se ali antes as feições de uma ilha da Italia meridional do que as magnificencias de uma paisagem do equador. Desenrolla-se, porém, ao aspecto do observador, um tão grato painel, onde a vida da natureza apparece em tão rica variedade e formosura, que a mais creadora phantasia nada póde conceber de mais amoravel e encantador. As mais formosas plantas das zonas temperadas e sub-tropicaes deleitam aqui os olhos em um seu pleno desenvolvimento, ao passo que apparecem tambem alguns dos mais bellos representantes da flora dos tropicos no esplendor luxuriante d'esta maravilhosa vegetação, que um naturalista da Allemanha comparou há pouco tempo aos fabulados hortos pensis de Semiramis. Deliciosas magnolias, platanos, loureiros, myrthos, acacias, passifloras, bigonias, fuchsias arborescentes com seus gigantes cachos de mimosa floração, hortensias variegadas, rosas perfumadissimas, oleandros vergando de flores, aloes de quarenta pés de altura, camellias arboreas com sua basta copa de um verde resplandecente, semeada aqui e acolá de bellas flores rosaceas, castanheiros, pinheiros e cyprestes compõem a deliciosa paisagem juntamente com as romeiras, os tamarindos, as bananeiras, a canna do assucar, os cafeseiros, o gigante dragoeiro, as annonas, as mangas, as papayas e os agnocates. Nas florestas virgens das paragens tropicaes, em Nikobara, em Java, em Luzon e nas Carolinas, vimos a natureza vegetal patentear-se em formas mais collossaes e ostentosas, mas que em parte alguma da terra encontrámos o que a flórea vegetação da ilha da Madeira offerece á vista do observador.»

Segue-se depois a descripção do ancoradouro e a narração de seus perigos, citando exemplos de desastres récentes occorridos no porto do Funchal pelas tempestades, que improvisamente se levantam. Vem logo a historia do descobrimento e primeira povoação da ilha da Madeira, a sua divisão pelos primeiros donatarios. Referem-se as grandes e primitivas florestas, que fizeram dar á ilha o seu nome e as devastações, que n'aquella riquissima vegetação fizeram os primeiros colonos para desbravarem o terreno e o accommodarem á producção.

Lamenta o viajante o vandalismo, — assim o denomina, — com que se exterminaram algumas das essencias florestaes, que na ilha cresciam espontaneamente. Nomeia o sr. Wuellerstorf entre as arvores proscriptas o cedro, e a *dracaena draco*, ou dragoeiro, que sendo a principio uma das maiores riquezas vegetaes da ilha, está hoje apenas representado, diz elle, em seis ou sete exemplares, que se mostram como curiosidade e maravilha. O mesmo fado tiveram, segundo o viajante allemão, a *oreodaphne foetens*, a *persea indica*, e a *clethra arborea*, que foram substituidas pelas arvores do norte e em grande parte pelos castanheiros da peninsula hispanica. Attribute-se, na obra a que nos estamos referindo, á de-

vastação florestal da ilha a alteração do seu clima, e a escacez das aguas nos rios madeirenses.

Estuda-se depois a constituição da propriedade na ilha da Madeira attribuindo aos vinculos os deploraveis efeitos, que todos os economistas e legisladores modernos lhes tem reconhecido, e á especie de servidão, em que vivem os colonos, a pouco lisongeira condicção, em que vivem as classes trabalhadoras n'aquelle mimoso territorio.

Vem depois a descripção do gado empregado nos labores agricolas e a dos animaes domesticos, que se empregam na alimentação.

O systema seguido na Madeira para a irrigação dos campos não esqueceu ao narrador, que estamos extractando. As *levadas*, o modo porque as suas aguas se repartem entre os differentes proprietarios territoriaes, e a organização d'este serviço tão importante para a agricultura insulana merecem ao viajante uma satisfactoria descripção.

O lamentavel estado, em que se acham ainda na Madeira as vias de comunicação e os seus efeitos economicos na vida social, inspiram ao sr. Wuellerstorf uma desagradavel mas justa apreciação.

Resume depois o sr. Wuellerstorf a historia e o estado presente da agricultura na ilha da Madeira, tratando successivamente da cultura da canna de assucar e de todas as outras producções coloniaes, do inhame (*Caladium nymphaefolium*), da batata doce, (*convolvulus edulis*), de todos os fructos, emfim, de que a ilha é abundante.

A cultura da vinha, como a antiga e principal fonte da riqueza agraria da ilha, desperta especialmente a attenção do sr. Wuellerstorf, que particularisa todas as phases da viticultura madeirense desde que os primitivos povoadores levaram de Chypre as primeiras cepas até que o *oidium Tuckeri* chegou a esterilisar inteiramente tão copioso manancial da riqueza madeirense. Por esta occasião nos alegrámos de ver citado o trabalho, que sobre a doença das vinhas escreveu e publicou nas memorias da Academia Real das Sciencias o nosso particular amigo e distincto naturalista o sr. João d'Andradre Corvo, depois que por ordem d'aquella corporação fora á Madeira estudar a terrivel epidryade.

Descreve o sr. Wuellerstorf a cultura da planta da cochenilha (*Opuntia cochenillifera*) n'estes ultimos annos introduzida na Madeira, como meio de compensar os desfalques da producção agraria pela doença das vinhas.

As condicções climatericas, que tornam a ilha da Madeira uma das mais deliciosas habitações do mundo, o refugio mais agradavel para passar longe da Europa a estação invernal, e o logar de predilecção aonde os doentes affectados de tuberculos e outras enfermidades pulmonares vão buscar allivio ou cura a seus padecimentos, não podia o sr. Wuellerstorf esquecer-as n'um capitulo, tão geralmente exacto como o seu, ácerca da ilha da Madeira.

São numerosos os modernos escriptos, principalmente inglezes e alemães sobre a Madeira, considerada sob o aspecto historico-natural e medico. De Sir James Clarke temos o livro que se intitula — *On the sanative influence of the climatè of Madeira* (sobre a influencia curativa do clima da Madeira). O dr. Mittermayer, de Heildelberg, que por alguns annos residiu na ilha, publicou uma obra particularmente consagrada a estudos e observações de seu clima e producções. Em 1857 deu á luz o doutor Gourtlay as suas *Observations on the natural history, climate and diseases of Madeira*. (Observações sobre a historia natural, o clima e as doenças da Madeira.) Não ficou Portugal indifferente ao estudo de uma ilha sua, que tão predilecta ha sido sempre para os medicos e naturalistas estrangeiros, e o sr. dr. Barral, cujo nome é citado com louvor na *Viagem da Novara*, escreveu e publicou em 1854 a sua valiosa memoria *sobre o clima do Funchal*, a qual mereceu as honras da traducção franceza, com que se vulgarizou no mundo scientifico. Na opinião dos viajantes da *Novara*, o clima e as bellezas naturaes da nossa ilha mantem a sua preeminencia sobre os mais temperados e amenos sitios do mundo e apesar dos exforços scientificos com que o dr. Pietra-Santa encarece as excellencias do clima da Argelia, a Madeira será ainda por muitos annos a ultima esperanza dos que se sentem devorados pela consumpção.

Não escaparam á curiosidade e descripção dos navegantes da *Novara* as mais particulares circumstancias, d'entre os que podiam exprimir as feições sociaes e economicas da bella *Flor do Oceano*, como a intitulou o poeta inglez, que fez da Madeira o assumpto do seu poema. O sr. Wuellerstorff descreve os costumes, as antiguidades, os edificios, as casas de beneficencia, que lhe merecem singular admiração, notando particularmente o piedoso instituto, que a Madeira deveu á liberalissima caridade da imperatriz viuva do Brasil. O estado da instrucção publica, as bibliothecas e gabinetes de leitura, as publicações periodicas, tudo o que exprime as feições intellectuaes de um povo, é enumerado e descripto pelo commodoro austriaco. O texto do livro é illustrado por grande numero de gravuras, que representam ou paisagens e vistas da ilha, ou edificios publicos do Funchal, ou costumes singulares da povoação. Nem as carapuças caracteristicas, que distinguem de todos os outros camponezes os *villões* da Madeira, esqueceram ao curioso redactor da viagem da *Novara* e ao gracioso desenhador, que seguiu a expedição.

Grande numero de paginas do fim do capitulo são dedicadas a descrever os episodios de uma excursão, em que os officiaes e naturalistas da *Novara*, foram admirar no interior da ilha as silvestres bellezas da Madeira, até realizarem a ascensão do celebrado *Pico-Ruivo*.

É de esperar que a parte propriamente scientifica da circumnavegação empheendida e acabada pela *Novara* contenha preciosos estudos

A MENINA DO MIRANTE

Cependant la nuit était presque entièrement tombée de la montagne sur le lac. On n'apercevait plus les eaux qu'à travers une brume de clair-obscur qui plombait leur nappe assombrie. Dans le silence profond et universel qui précède l'obscurité, le bruit régulier de deux rames qui semblait s'approcher du bord frappa mon oreille.

LAMARTINE — *Raphael.*

I



ai para 8 annos estava eu a banhos em Cacilhas. Vinha, porém, muitos dias a Lisboa, e só voltava de tarde, no vapor.

Todos sabem o que é uma ida para a Outra-banda n'um d'estes barcos, e todos sabem ainda melhor a physionomia especial que tomam estas carreiras pelo verão, em que uma grande parte das familias de Lisboa procuram aquellas praias por conselho da medicina ou por instigações da moda, para se entregarem ás virtudes higienicas das aguas do Ginjal, da Margueira e da Fonte-da-Pipa.

Tudo isto se reduz ao seguinte:

Ao soar das seis horas, ponto marcado da ultima carreira, vêem-se correr varios individuos pela Praça do Comercio, todos confluindo á ponte dos vapores. O chapéo de palha, o butte de bezerro em flôr, e o pacote debaixo do braço, são os distinctivos inevitaveis do homem que está a banhos na Outra-banda.

Estes característicos são ás vezes accrescentados por um moço atraz, que leva varias encomendas, como por exemplo, um chapéu de blond para a madama, se é um mancebo casado de fresco; fitas e flores, se é qualquer irmão solícito para com os attractivos de toilette das manas; ou simplesmente presunto e manteiga, se se tracta de um providente dono de casa.

Depois a sineta toca, e tudo se encaminha para o vapor.

— Olha não caias, Margaridinha.

— Trouxeste o chá?

— Lá me esqueceu de ir buscar a sombrinha de minha mulher, que está a concertar.

— Isso amanhã.

— Mas é que ella fica como uma bicha.

— Então deixal-a rabiar.

No meio d'este tiroteio de recommendações, de esquecimentos notados e de chascos abelhudos, embarcam todos.

A sineta toca pela ultima vez; o mestre faz signal, e o vapor larga.

— Olá! olá, faz favor! gritam da ponte. Atraque, que tenho bilhete para essa carreira, que é a ultima.

Isto diz um homem de chapéu de chuva de nove varetas de baixo do braço, gordo e atarracado, que tem pela mão um pequeno, que puxa por elle de repellão pela ponte fóra, gritando sempre: — Ó pae, olhe que o vapor já lá vae!

Mas o mestre, de pé, junto ao tubo da maquina, olha para elles com desdem.

— *Viesse a tempo*, é a sua resposta; e inexoravel como o destino, o barco corta as aguas, sem volver atraz.

Passados instantes, já o cáes fica ao largo, e os edificios de Lisboa se confundem, diminuidos e apagados pela distancia.

Era pois n'uma d'estas tardes. Distraido dos episodios que me rodeavam, havia-me chegado para a amurada: sentei-me, e puz-me a olhar para a agua, que, em lufadas, batida pelo impulso violento das rodas do vapor, corria em carneiros de espuma, deixando ao largo um longo esteiro.

A maré vasava, e o barco, n'uma longa curva, tinha procurado a altura do Seixal, para vir descahir ao pontal de Cacilhas.

Eu entretinha-me em ver tudo isto.

N'este comenos, chegou-se para mim um individuo, que eu conhecia já de Cacilhas, e diz-me, apontando ao largo com a bengalla:

— Lá está elle.

— Elle, quem?
 — O homem de todas as tardes.
 — Não sei quem é.
 — Não sabe quem é? Pois não tem visto aquelle rapaz, que lá vae ao largo n'aquelle bote, todas as tardes ali para aquellas bandas?

— Eu não senhor.
 — Nem tem ouvido fallar no caso.
 — Qual caso?
 — E esta! o caso da vinda d'elle aqui todas as tardes.
 — Nunca ouvi fallar n'isso.
 — Então pelo que vejo, o senhor não vive no mundo, ou anda talvez resolvendo algum problema astronomico.

— Nada, não senhor; nem ando resolvendo problemas astronomicos, porque de astronomia só conheço a ursa maior, e o sagittario, nem tão pouco deixo de viver no mundo; e a prova está n'esta minha estada na Outra-banda, que é um facto bem mundano e positivo.

— Mas então, como é que não tem ouvido fallar n'aquelle rapaz, que todas as tardes apparece no mesmo barco, a fazer signaes ali para cima.... olhe.... ali para aquelle mirante, aonde está uma mulher a corresponder-lhe. Não vê?

Olhei para o lado que me indicava, e distingui effectivamente o vulto de uma mulher, que agitava um lenço branco.

O mirante onde ella estava é aquelle que fica no fim da praia de Cacilhas, perto do sitio onde se tomam os banhos, lá mesmo em cima das ribas.

Pertence (creio eu) ás terras ou quinta que ali vem ter do sitio da Margueira.

A distancia, e por detraz dos predios que ficam ao longo da praia, aquellas ribas negras, escabrosas e talhadas a pique, como se fossem rocha viva, dão um aspecto de aridez e solidão áquelle lado da praia, principalmente depois das horas melancolicas do sol-posto.

O mirante assenta n'uma construcção antiga, que vem pelas ribas abaixo a modo de configuração de torre, e parece o resto de uma muralha mourista, ali esquecida pelo tempo.

É tosco, e está ennegrecido pelos annos, e talvez pelos seculos. Faz lembrar uma torre de atalaya que d'ali, ao largo, vigiasse sobre o rio.

Á tarde, quando as aguas tomam as cores bronzeadas e verdi-negras com que as sombras da noite envolvem as montanhas, deve de ser melancolico ver as ondas vir morrer na praia, e

sentir o seu embate rouco e monotono, como o bramido suffocado de uma grande força da natureza.

Eu era poeta sentado ali.

Este espectáculo árido da superficie das aguas, debaixo de cuja apparencia tranquilla se occultam tantos abysmos, é uma bem exacta imagem da vida, cujo sereno exterior encobre quasi sempre as fundas agonias do coração ulcerado.

— Então o sr. fica a scismar? — interrompeu o meu interlocutor.

— Estou a olhar para o tal mirante. D'ali o quadro do Tejo deve ser triste.

— Não sei, que nunca la fui.

— Mas pelo que vejo, o rapaz do bote e a tal menina são namorados?

— Assim o penso.

— É estranho não terem outro meio de se corresponderem!

— Essa observação já eu fiz, e fizemol-a todos.

— Talvez amores contrariados.

— Sim; coisa a modo de romance; — ajuntou o homem com desdem, mas ao mesmo tempo com o ar satisfeito de quem tinha baptisado com o verdadeiro nome um caso difficil de qualificação.

N'isto, o vapor atracou ao cáes.

Olhei ainda da cortina, a ver se ainda avistava o desconhecido do bote, e ainda o vi a acenar com um lenço.

Volvi os olhos para o mirante, mas de lá já não acenava ninguém, pelo menos assim me pareceu, porque a noite começava a tornar os objectos indistinctos.

Fiquei a pensar n'isto por bastante tempo. Toda essa noite me lembrou, e ainda no dia seguinte. Tive tenção de perguntar a alguma das familias que residiam na praia, se sabiam a historia d'estas entre-vistas romanescas, mas esqueceu-me.

II

Correram uns dez ou dose dias. Tinha vindo a Lisboa, conforme o meu costume, e dispunha-me de tarde a embarcar. Mas não sei o que foi que me demorei de modo, que, quando cheguei á ponte dos vapores, já o ultimo tinha largado.

Resolvi-me a affretar um bote. Affretei um de dois homens, e mandei que me levassem a remos, porque o vento tinha abrandado.

Embarquei.

A tarde estava formosissima, como costumam estar muitas das nossas tardes de agosto.

O sol tinha desaparecido havia meia hora, e lá para a barra ainda se via uma larga irradiação de purpura e violeta.

Mas por cima da montanha de Palmella, avistava-se já o disco prateado da lua, como se a Providencia não quizesse deixar nem um instante sem um grande symbolo da sua vigilancia o firmamento, essa immensa pagina das suas maravilhas infinitas.

Ao largo, as cordilheiras de montes da Outra-banda pareciam nadar n'uma ligeira tinta, que as augmentava e as affastava, desvanecendo-as, deixando ver umas arrouxadas mais proximas, e outras de um azul diaphano a perderem-se de vista no horisonte, e por cima de todo este quadro, apenas uma brisa tepida encrespava as aguas, como unico signal de vida activa d'esta natureza tranquilla, e como desfallecida pelos ardores do dia.

Era um lindo e sereno fim de tarde. A natureza parecia expirar, mas como expiram a juventude e a belleza, com toda a sua graça e serenidade.

Estava embevecido n'este painel.

Já tinhamos atravessado mais de metade do rio. Ao longe via-se um barco, que remava para nós. Dentro em pouco aproximou-se.

— Olha, é elle, disse um dos barqueiros, olhando para o bote.

Este movimento foi seguido pelo outro remador, que se virou tambem a olhar para aquelle lado.

— Quem é? — disse eu —, fitando o bote, que vogava já perto.

— É um senhor que costumamos levar todas as tardes a passear até ao pontal de Cacilhas.

Reparei, e pareceu-me o mancebo que tinha visto da outra vez, do vapor.

— Vocês conhecem-no?

— Só de nos affretar o barco para o trazermos a este passeio desde que faz verão. Vem todas as tardes, e paga-nos como um principe.

— Então é um que se põe a dizer adeus com um lenço para o mirante do caes de Cacilhas.

— Tal qual.

A curiosidade da aventura avivou-se-me d'esta vez mais. Os nossos botes roçaram n'este momento um quasi pelo outro. Os meus barqueiros puzeram-se de pé, e tiraram o barrele.

Olhei para dentro do bote, e vi sentado á ré um mancebo que teria vinte annos. Apesar de estarmos no verão, e da tarde ser das mais calmosas, ia envolvido n'uma manta escosseza, e tão embrulhado que se diria que tiritava com frio. Era pallido, e

a physionomia suave e insinuante. Quando o encarei, levou a mão ao chapeo, que era de feltro preto e abas largas. Um ligeiro bigode castanho, e as longas madeixas da mesma côr, que lhe desciam dos lados do rosto, annuviavam-lhe o parecer.

Não sei o porquê, mas inspirou-me sympathia aquelle mancebo. Pareceu-me triste ou doente, que afinal tudo é doença.

— Então porque não foram vocês hoje com elle? — perguntei eu aos barqueiros.

— Porque affretamos o bote pela manhã para ir ao Bom-Successo, e quando voltamos já elle tinha ido com aquelles nossos companheiros.

— E deixámos de ganhar duas caravellas de cinco tostões; — ajuntou o outro.

— É verdade; é quanto nos dá sempre; — affirmou o primeiro.

— E demora-se muito todas as tardes, — continuei eu.

— Até depois de noite. Às vezes já faz escuro, e ainda elle não quer largar d'aquelles lados da Margueira. E já por duas noites se poz até a tocar flauta. Foi em noite de luar; e do mirante, como lá o patrão lhe chama, mexiam um lenço branco.

— Então é namoro?

— Se é! E que fatcaz elles não tem um ao outro! Só assim se fazem d'aquellas scenas.

— E vocês não conhecem a menina que lhe apparece no mirante.

— Ora não conhecemos nós outra coisa! É uma menina muda que está a ares lá mesmo em cima, ao pé da azinhaga que vae dar á Margueira.

— O qué! é muda?

— E dizem que de nascença.

O conto ia-me interessando verdadeiramente, mas foi indispensavel deixar o resto para outra occasião, porque o bote chegou a Cacilhas.

Desembarquei. Despedi-me dos barqueiros, e tive desejos de ver de mais perto a menina muda. Aquellas horas já custava a distinguir os objectos a uma certa distancia. Não obstante affirmei-me, e vi que ella ainda estava no seu posto.

Fui de volta pela praia, e puz-me debaixo a olhar.

Lá estava sentada. Era difficil já distinguir-lhe o semblante, mas pareceu-me branca de neve, alvura que mais destacava de uns cabellos pretos como ébano.

Estava encostada á fresta do mirante, n'uma attitude pensativa, e olhava para o longe, agitando o lenço de vez em quando.

Era bem melancolico tudo aquillo! A hora, aquella torre es-

guia e feia, a solidão d'aquella alma que esvoaçava lá em cima, aquelle acêno de saudade e despedida, e sobre tudo isto a mudez... a mudez, meu Deus! para um coração que sentia de certo ardentes affectos, e que se via ainda por cima condemnado pela separação a recalcar no intimo o sentimento que o devorava; o aspecto de tudo isto encheu-me o animo de verdadeira tristeza!

Affastei-me d'ali, como arrancando-me a um logar que me fazia mal.

E effectivamente fazia, porque eu ainda ignorava a historia d'aquellas duas creaturas, e já sentia os seus males, como se fôra o seu melhor amigo e confidente.

Fui para casa, e contei o que me tinha acontecido. Disseram-me então o que sabiam já. A menina era de Elvas: era muda de nascença e de uma formosura peregrina. Não tinha mais do que desesete annos, e já os symptomas de uma consumpção dolorosa lhe annunciavam o termo proximo da vida.

Os que conheciam os segredos do seu coração, attribuiam aquella enfermidade, cujos estragos pareciam acelerar-se de instante para instante, a uma paixão contrariada, e contavam assim a historia d'estes amores desditosos.

III

A menina era filha unica de um fidalgote pobre e soberbão, como são quasi todos os fidalgos de provincia. Ella chamava-se D. Elvira, e seu pae D. Martinho Pessanha, e pertencia, dizia elle, á mui nobre e antiga familia dos Pessanhas, cuja arvore genealogica ia buscar raizes aos tempos em que a humanidade se começou a fazer nobre, e cujos ramos se entroncavam com as principaes casas da peninsula.

A sua residencia habitual era n'uma quinta, nos suburbios de Elvas, confinando com a raia.

A menina saía muitas vezes a tomar o fresco debaixo do pomar, plantado ao longo do muro, que dava para a estrada.

Uma tarde olhou para o muro, e viu um mancebo trepado a uma lorangeira proxima. Teve medo e fugiu. Mas depois envergonhou-se do susto que tivera e olhou para traz. O mancebo ainda lá estava. A curiosidade instigou-a. Ladeou por detraz das arvores, e veiu espreitar, sem ser vista, do lado opposto.

O mancebo era gentil e não figurava mais de vinte annos.

Não lhe desagradou, e poz-se a comtemplal-o. N'isto, elle descobriu-a e sorriu-se, e a menina largou novamente a fugir, mas d'esta vez só parou em casa.

De noite pensou em quem seria aquelle mancebo.

No dia seguinte aproximou-se a hora do passeio no pomar, e foi para a quinta. Chegou ao sitio do costume e espreitou com disfarce por entre os troncos, para ver se lá estaria o visitante da vespera.

Lá estava; mas d'esta vez a cavallo no muro.

Ella mal o viu, sumiu-se como na vespera. Elle fez-lhe um signal, e atirou-lhe com um raminho de violetas que tinha na mão.

A menina já não fugiu: ficou-se a olhal-o, e teve vontade até de ir apañhar o ramo.

O mancebo conheceu-lh'o nos olhos: saltou do muro, apañhou-o, e veiu offerecer-lh'o, de chapéu na mão.

Nada ha mais affavel e insinuante do que era a sua presença.

A pobre menina, a tremer, quiz retirar-se, mas não pôde: tinha os pés presos ao relvado.

A attitude supplicante do mancebo, obrigou-a: estendeu a mão e accitou o ramo.

Então o mancebo beijou-lh'a, e disse-lhe mil coisas de graciosa gentileza e affecto.

A menina pregou os olhos n'elle, e ficou silenciosa e pensativa: os olhos arrasaram-se-lhe de agua, como se lhe cahisse um veu de tristeza desdobrado por uma dôr occulta sobre aquelle semblante tão formoso.

A estranheza d'esta angustia affligiu tambem o mancebo, que instou com ella para que lh'a explicasse.

Pobre menina! Ella não o percebia! A infeliz era muda.

O mancebo percebeu por signaes a desgraça d'aquella linda creatura, e quasi que tambem teve vontade de chorar.

— Muda e tão formosa!

Foram estas as suas unicas palavras.

Esta foi a primeira entrevista d'aquellas duas almas.

Escusado é dizer que esta scena se repetiu todas as tardes por espaço de dois mezes. No fim d'este tempo, gentes zelosas da honra do fidalgo (que sempre as ha, quando se se trata de mexericar) foram-lhe dizer que a filha levava todas as tardes no pomar entretida com um rapaz desconhecido.

O fidalgo irritou-se: mandou-a vigiar e soube que era verdade.

D'isto seguiu-se o dar ordem para ella não tornar á quinta.

O mancebo suspeitou então o que se passava. Desejou ver se comprava os criados, mas não pôde. Assim, resolveu-se ao ultimo extremo.

Este mancebo era orphão de pae e mãe; chamava-se Guilher-

mê de Brito, e o unico parente que tinha era um tio, o qual pas-sára a mocidade na America, onde se déra ao negocio, o que lhe adquirira grossas riquezas.

Havia, porém, quem lhe mordesse na fama, e affirmasse que taes bens eram erguidos sobre um colosso de immoralidades. Mas o negociante, com a superioridade de homem de poucos escrupulos e que tem dinheiro, ria-se d'isso, e por cada bando malevolo que deitavam contra elle estes fiscaes da moralidade publica offendida, comprava mais um predio ou uma duzia de accões em qualquer companhia lucrativa.

Era assim que elle tapava a boca ás más linguas.

O sobrinho foi-se pois ter com o tio, contou-lhe como tinha avistado a menina pela primeira vez, affirmou-lhe que estava louco por ella, e concluiu por lhe expôr a necessidade de pedir a sua mão.

O velho sorriu-se com ar desdenhoso; chamou-lhe creança; poz-lhe a mão na cabeça com entôno paternal; sorveu uma longa pitada com o ar magistral do homem para quem o mundo não tem segredos, e declarou-lhe, que o sobrinho e presumptivo herdeiro do maior ricasso da Beira, não pedia para casar ahi a filha do primeiro pobretão afoufado em pergaminhos de fidalguia que lhe apparecesse.

O mancebo protestou contra esta resposta; mas o tio assumiu então um tom imperativo, e disse que esta era a sua resolução definitiva. Que se quizesse casar, casasse; mas que o desherdava.

O mancebo, repulsado d'este lado, tentou a sorte por outro.

Apresentou-se em casa da sua amante, e annunciou-se ao pae.

O fidalgo estava a ponto de partir para uma caçada de lebres. Quando o mancebo appareceu, estava elle repatanado n'uma velha poltrona de enormes espaldas tauxeadas de pregaria, onde um criado lhe afivellava as polainas de couro.

— Poderei saber ao que devo a sua visita?

Estas palavras foram proferidas com ar tão sobranceiro, que o mancebo sentiu a coragem voltar-lhe atraz. Fez comtudo um esforço, e respondeu:

— O objecto que me traz aqui, não póde ser tratado senão entre mim e V. Ex.^a.

— Pois não estamos nós sós? Um criado não é um homem, é uma coisa. Não sei se o senhor sabe do caso d'aquella imperatriz romana, que até nem duvidava de entrar no banho na presença de seus servos, porque os não reputava homens.

Este modo lisonjeiro de apreciar os servos obrigou o criado a fazer uma careta.

— Não sou forte na historia intima das imperatrizes romanas, replicou o mancebo; e apesar da sua opinião a respeito do valor moral dos criados, ha de me permittir que eu insista em não fallar sem este ter saído.

O fidalgo olhou para o escudeiro e fez-lhe aceno que saísse.

— Dirá agora o que o traz aqui.

— Venho pedir-lhe a mão da sr.^a D. Elvira.

O fidalgo deu um pulo na cadeira, como se lhe houvessem disparado um sóco nas costas.

— Para me dizer uma d'essas, escusava de me obrigar a mandar retirar o criado.

N'isto lançou mão da campainha que tinha sobre a mesa proxima, e tocou-a.

O criado appareceu de novo.

— José Gaudencio, abotoe-me a outra polaina.

E a perna foi estendida em toda a sua extensão para o criado lhe acertar a polaina.

— Então é essa a resposta que me dá? — replicou o mancebo furo de cólera.

— O quê! ainda ahi está?... Julguei que já se tinha retirado. José Gaudencio, acompanhe este senhor, que se retira.

O insulto não podia ser mais grosseiro. A Guilherme de Brito passou-lhe uma nuvem vermelha diante dos olhos.

— Senhor, disse o mancebo-por fim, ha injurias que ficam sendo simples ineptias, quando se attenta bem nas pessoas que as proferem.

— Não duvido, acode o fidalgo, erguendo-se; mas a isso tenho só que accrescentar estas palavras, que devem servir-lhe de governo em tudo que o trouxe a minha casa. Conheço bellamente seu tio, sei o que elle fez no Brazil e o que faz agora n'esta terra. Sei tambem que se reputa seu herdeiro, e talvez se lhe mettesse em cabeça vir-me deslumbrar com os seus milhões; mas engana-se, porque, quando eu me dispozesse a descer para buscar uma alliança a minha filha n'uma classe menos digna do meu nome, a classe dos negreiros seria a ultima que eu procurasse. Agora queira retirar-se, porque prefiro ir caçar alguns coelhos a demorar esta visita.

Guilherme de Brito recuou e volveu instinctivamente os olhos para uma cadeira. O criado adivinhou-lhe o intento, e interpoz-se.

N'esta conjunctura, o nobre descendente dos Pessanhas percebeu que um criado sempre tinha mais valor que aquelle que elle lhe dava.

Guilherme de Brito retirou-se.

IV

Depois d'estas duas entrevistas, tão diversas na fórma, mas concluindo ambas de um modo tão directo para o contrario, o mancebo percebeu que não tinha outra cousa que fazer senão entregar-se nas mãos do destino.

Mas o destino em nada se lhe mostrava propicio. Um anno decorreu, que foi de contrariedade e angustia successivas para os dois amantes.

D. Elvira continuava reclusa. Algumas diligencias que fez Guilherme de Brito para a ver, aggravaram a sua sorte. Todos esses esforços foram naufragar nã perfidia dos criados, que os denunciavam ao amo.

A situação da pobre menina era tristissima. Aquelle coração sentia, como sente sempre um primeiro amor, e em annos tão innocentes e juvenis, e a seus labios não era permittido um desafogo sequer. Aquella agonia tinha de morrer suffocada, muda. Por força que á sua alma candida, nos momentos de intuição, não podia deixar de se lhe representar como iniqua a Providencia que assim lhe dava peito para sentir e padecer, e lhe recusava labios para desabafo e communicação de suas dôres!

Os symptomas de uma phtysica rapida revellaram-se. Á energia do soffrimento não bastaram as forças do espirito; trahbordou e consumiu as do corpo. D. Martinho percebeu então a brutalidade do seu procedimento; quiz remedial-o, mas não soube. O descendente dos Pessanhas julgava que os males do espirito se curavam com tisãnas e mudanças de ares, que foi o que a medicina aconselhou, por ignorar as verdadeiras causas do padecimento de D. Elvira.

N'uma manhã, o fidalgo e a filha, apenas acompanhados por dois criados, partiram para Lisboa. Ahi um parente offereceu-lhes a sua quinta da Outra-Banda, para onde foram.

D'esta vez, porém, Guilherme de Brito conseguiu saber tudo, e logo dias depois seguiu D. Elvira a Lisboa. Um criado comprado lhes servia de intermediario, e os pobres amantes, separados pela crueldade de dois parentes estupidos, avistavam-se de longe.

V

Eis em resumo a historia da menina do mirante e do mancebo desconhecido.

Depois d'isto ainda os vi, a elle e ella, muitas vezes durante a minha estada em Cacilhas, ella sempre assentada, triste e a olhar para o Tejo, lá em cima no mirante, e elle no bote a acenar-lhe com o lenço, ao longo da praia.

Uma tarde (era nas vespéras da nossa partida para Lisboa) senti eu dobrar os sinos de Sant'Iago.

Perguntei quem tinha morrido; disseram-me que havia sido a menina da Margueira.

Confesso que me senti afflicto.

N'aquella mesma noite, estando nós no caes a passeiar por volta das ave-marias, sentimos tocar uma flauta no mar, para o lado da Margueira.

Lembrou-me se seria o mancebo do bote.

Desci á borda do caes, e puz o ouvido á escuta.

Era effectivamente elle: a flauta tocava a costumada aria da cigana do *Trovador*.

Nunca aquelle tão poetico e dolorido motivo, que parece encerrar as angustias de uma saudade profunda, me penetrou tanto nos ouvidos e no coração!

Tive vontade de chorar!

O pobre mancebo ignorava ainda que aquella para quem elle tocava já não o podia ouvir!

Este annuncio de amor trocava-se agora em canto de morte.

O som da flauta foi-se extinguindo, e já ao longe, trazido pelas lufadas da noite, mais parecia uma alma a suspirar, do que um instrumento que soasse.

E depois?... depois d'isso nunca vou a Cacilhas que não olhe para o mirante, e me não lembre d'estes amores tão singulares e desditosos.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

EMILIA DAS NEVES E SOUSA

(Continuado do 2.º tomo d'este jornal, pag. 300),



entrada do anno de 1860 reuniu dentro dos muros da cidade eterna duas rainhas; d'estas que o são por um verdadeiro direito divino, que imperam absolutas, e não encontram um só rebelde: Adelaide Ristori e Emilia das Neves.

Terra de tanta gloria tinha-a de sobra para saciar a ambas ellas. O proprio ar que ali se respira, entre a urna do Libertador portuguez, e o tumulo do Proclamador martyr da liberdade italiana, esse ar ainda não esquecido dos estrondos de uma guerra de gigantes, das saudações ás victorias incriveis, dos funeraes de tantos heroes, e do primeiro nascer da liberdade, e do seu renascer das cinzas como phenix, é um ar rescendente á antiguidade; os peitos magnanimos o aspiram com delicia; o forasteiro que o chega a beber, sente-se tomado de embriaguez que lhe revela, ou presagia, forças desconhecidas. Contemplando aquelle Doiro indomito e indomavel, aquella povoação, d'onde nasceu, e por onde se regenerou um reino; aquella vasta cidade, de tra-

balho, de honra, de commercio, e de futuro; onde, quando é mister, as mulheres se levantam homens, e os homens leões, sentimo-nos maiores! e, se portuguezes somos, sorrimo-nos de quem não vê ainda hoje na nossa pequenez a nossa grandeza.

Taes eram os ares, oxigenados de gloria, e ardentes de enthusiasmo, que as duas viajantes respiravam; rivaes sem se conhecerem, cubiçosas de se contemplarem, e predestinadas pelas suas estrellas errantes que as reuniam, para virem a ser mutuamente admiradoras e amigas.

Ha o que quer que seja de notavel e poetico no que se me relatou sobre o seu primeiro encontro: Conduzira o acaso uma e outra no mesmo dia e á mesma hora a visitarem a ultima jazida de Carlos Alberto; ali se viram; ali oraram juntas, sem se conhecerem, mas já attraídas de parte a parte pela sympathia da homogeneidade.

Aproximava-se em fim o grande conflicto. Ristori occupava o vasto e nobre theatro de S. João; Emilia, a formosa e moderna sala Baquet. A população anciava indecisa o exito d'este duello homerico; a vencida, se tivesse de haver uma vencida, e fosse qual fosse, já levava de consolação, de ganho, e de honra, o poder proclamar o nome da vencedora. Oh! quem tivesse espreitado ora uma, ora outra, nas suas respectivas solidões na vespera de tão solemne conflicto! Que apurar de forças! que invidar brios! que improvisar recursos! que descobrir segredos! que invocar a natureza! que ampliar ambitos á arte! e ainda assim que trepidar occulto e involuntario! que muito? crêdes vós que Heitor e Achilles mesmo, dormiriam naquella noite que precedeu ao fatal certame? quantas vezes não volveriam um e outro a afiar a espada já afiada! a provar a rijeza da lança e o firme da armadura! E ainda com tudo isso, e recordando as proezas passadas, quantas vezes se não diriam no animo: — «Vou esgrimir com o mais valente dos gregos» — «Vou medir-me com o mais irresistivel dos troianos.»

Coisas são estas que se adivinham sem profecia, se asseveram e se crêem sem documentos.

Para maior terribilidade do combate, os dramas com que iam provar forças as duas actrizes eram os mesmos: *Angelo, o tiranno de Padua*, *Maria Stuart*, *Joanna a doida*, *Isabel rainha de Inglaterra*, e *Adriana Lecouvreur*; composições de alta prova todas ellas. ¿Mas era realmente um duello? seria; ¿quem desafiou? não foi a portugueza; ¿quem venceu? nenhuma; porque nenhuma foi vencida; o publico juiz, as damas espectadoras, deram todo o seu enthusiasmo a uma, e todo o seu enthusiasmo á outra.

Luctámos d'esta vez no campo da arte com a Italia, representada por uma das suas mais egregias filhas, victoriada da Europa inteira, e saímo-nos com honra. Ai, terra de Portugal! ai, Italia do occidente! ¿ porque te não cultivam os que o podem? porque se não engrandecem, engrandecendo-te, os que o devem?

Um acontecimento que não tem de esquecer aos que o presencearam, foi aquelle por onde condignamente se remataram estas justas. As duas actrizes, representando em dias descontraídos, tinham-se alternativamente observado, admirado, e inspirado do camarote para a scena. A 10 de fevereiro, proclamando o povo a Emilia, pela mestria com que desempenhára a sua parte no *Angelo*, Ristori sobresaíu com os seus applausos aos da multidão, e enviou uma deputação escolhida da sua companhia para ir comprimentar no camarim a heroína da noite. Emilia logo á noite seguinte, tendo Ristori acabado de executar a memoranda parte de Lady Macbeth, no lance em que toda a sala retumbava com alaridos de saudação, rompe dos bastidores, beija a mão á triumphadora, e lhe põe na cabeça uma corôa de magnificas flores Constantinas, já muito de antemão mandada ir da capital para esse mesmo fim. Abraçaram-se, beijaram-se por largo espaço; não era comedia; era a explosão de um sentimento intimo; era a devoção, era o fanatismo da arte sublimados áquella altura, d'onde as mesquinhezes da personalidade desaparecem; era emfim a conjuncção inesperada de dois astros esplendidissimos, sem eclipse para nenhum, com realce de resplendores para ambos.

Com inveja escutára Coimbra o éco de tamanhos applausos. A terra do Mondego e das Musas classicas, habitantes sempre juvenis dos cinzeiros sempre verdes, deixa que a proclamem sabia; d'essas pompas se está rindo; pois se ella sabe, e sente, que poetisa é que Deus a fez!

Bençam de mocidade perpetua e inalteravel, qual em deusas antigamente a fabulavam, liberalisou-a o ceu sobre Coimbra. É condão especial d'aquella collina, cercada de Tempe, d'aquella cidade enxameada de adolescencia.

Quem lançaria os primeiros fundamentos á tão ridente pinha de edificios, que se está revendo no Mondego, espelho de cristal estendido por baixo, e moldado de esmeraldas vivas e movediças? Portugal já ali a achou; os filhos das regiões septentrionaes já ali a tinham achado; tel-a-hiam achado ali os romanos. Cada gente que lá estanciou de herança em herança, desde os primeiros e ha muito esquecidos fundadores, lhe deixou para penhor de saudades uma joia. A historia, a lenda, a

fabula, tudo se trava harmonicamente no regaço da juvenil mil-lanaria. É a Universidade de D. Diniz; são os paços e os tumu-los dos primeiros Reis portuguezes; a cathedral moderna; a go-thica; a mesquita; a ponte sobre pontes engulidas; os subter-raneos moiriscos; o corpo da Rainha Santa; a Casa dos Templa-rios; o Castello de Hercules; o Arco de Almedina; o Aqueducto que podera blasonar de romano, se o não souberamos do bra-ço real de D. Sebastião; o enigma heraldico armas da povoação: uma donzella coroada, e de mãos para o ceu a surdir de dentro de uma urna, illesa e conciliadora entre serpentes e leões; é a uma parte o sangue de Maria Telles, a outra o sangue de D. Ignez de Castro, e as lagrimas ainda correntes das nymphas que a cho-raram. Attaces, Cindasunda, Almansor, D. Fernando o Magno, o phantasma de S. Thiago em seu cavallo branco, o famoso D. Ro-drigo de Bivar, S. Theotonio, valoroso prior de Santa Cruz! São mil heroicidades, mil amores, ainda palpitantes em todas as me-morias, resurgidos das chronicas, revestidos de novo e engri-naldados de flores sempre frescas pelo genio poetico de cada idade.

Todo o reino (ha pouco erá o Brasil tambem) manda a Coim-bra, como em tributo, a escolhida flôr dos seus mancebos. São esses hospedes descuidosos e amaveis, que de anno em anno se lhe succedem sem interrupção ao longo dos seculos, os que á porfia, como a sua vegetação eterna, mais lhe confirmam o seu character distinctivo de juvenilidade.

Nasceram 'noutras partes; alguns bem longe! Deus sabe onde não irão a final encanecer e sumir-se! Mas aqui concorreram para vicejarem em commum o abril e maio de sua vida. São como aves de arribação que o sol attrae; emquanto as houver, haverá primavera; e ellas ha-as sempre; para occuparem o logar das que se auzentam, accodem logo as recém-vindas. Familia admiravel que não morre, nem envelhece! Trocam-se-lhe os nomes, e os rostos; passa-lhe em herança tacita a alegria, a soltura, o flore-jar, o doidejar, o que quer que seja parecido com o voluptuoso condão d'aquelle velho de Téos sempre viçoso, e sempre poeta.

Realmente é singular e unica a boa da cidade universitaria! Vêde a parte academica, a parte, senão predominante, ao menos caracteristica da sua população:

Romanos rerum dominos gentemque togatam!

Cada um d'elles deixou 'noutra terra, lá muito longe, a sua familia natural; e Deus sabe que mais prendas do coração! Poi-

sou aqui faminto de affectos ; a homogeneidade o agrupou com outros ditosos infelizes como elle, e de estranhos da vespera se teceu debaixo de cada tecto..... não bem uma republica, uma sociedade, ou um contubernio de arraial ; mas uma verdadeira familia *sui generis* : sem ascendentes, sem descendentes, sem mulheres, senão nos votos e na fantasia. Que tesoiros accumulados de sensibilidade ! como se não diffundiriam prodigamente em muzicas e festins, em saudades e esperanças, em benevolencias mutuas, e em trovas ! A verdadeira poesia, em tudo aquillo que respirando mocidade a communica até ás ruinas, se entre ruinas acontece ; e se acontecesse nos cemiterios, aos tumulos a emprestava ; | Lirismo da puberdade !, a que se podem applicar os versos com que Horacio caracterizou o enthusiasmo da ode :

*Musa dedit fidibus divos, puerosque deorum,
Et pugilem victorem, et equum certamine primum,
Et juvenum curas, et libera vina referre.*

Aqui está porque desde tão apartadas eras aos encantos pessoas, porque assim o digamos, de Coimbra, e ao seu convivio ininterrupto de folgares, se tem vindo sempre interlaçando os nomes dos nossos mais famigerados poetas : ali escrevia Gil Vicente o seu auto das armas de Coimbra ; Ferreira, a sua Castro ; Camões, scismando já na sua, suspirava :

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param :
Por onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.

Sá de Miranda rimava philosophia ; Bernardes, se enlevava nas formosuras campesinas ; Antonio de Castilho, o collegial de S. Paulo, e cuja herança metrica se nos perdeu, era a douta lima dos ingenhos contemporaneos ; Diogo de Paiva de Andrade, versificava em latim e em portuguez,

Doctus sermonis utriusque linguae ;

trinta outros, que o tempo tornou oraculos de nossa lingua, e de quem os écos poeticos ainda não se esqueceram, vincularam parte da sua gloria áquella Acropolis ; que os teve : a uns, por

filhos; a outros, por alumnos; por professores, a estes; áquelles por hospedes; até aos dois Elpinos: Nonacriense, e o Doriense o Duarte Ferrão, os Malhões, o Theotónio Gomes de Carvalho, o Dirceu, o Bonifacio de Andrade, o Nicoláo Tolentino de Almeida, o Odorico Mendes, o Gonçalves Dias, o Marecos, o Leitão de Gouvêa, o Garrett, os Serpas, o João de Lemos, o Pereira da Cunha, o Rodrigues Cordeiro, o Francisco Palha, o Gonçalves Lima, o Coito Monteiro, o Cunha Bellem, o Barros Corte-Real, o Manoel da Silva Passos, o Cyro Pinto Osorio, o Pereira Zagalo, o João Eloy Nunes Cardozo, o Ribeiro Saraiva, o Pinto Rebello de Carvalho, o Alexandre Braga, o Soares de Passos, o Moraes Sarmento... Mas quem metteria selvas 'num cestinho!....

Salve, *ParnasoPortuguez*! E nós também nos felicitamos de haveremos cantado a tua primavera, 'nessa amena gruta do teu rio, que outros poetas depois, para immortalisarem a lembrança da nossa festa, e romeiros, como nós então, dos prazeres innocentes, crismaram em lapa dos poetas!

Terra de tanta belleza, de tanta mocidade, de tanto enthusiasmo, bem merecia que a grande actriz lhe viesse dar e receber as saudações.

Estâmos em março de 1860. A musa do drama faz a sua entrada em Coimbra com a primavera; ha já violetas para os seus passeios; ha já de que se teçam corôas fartas para as suas victorias.

O Theatro Academico está de gala como um capitolio em dia de triumpho. Vai uma revolução de festa na cidade, sempre tão pacifica. O spectaculo tornou-se um negocio publico, um acontecimento serio e historico. As damas estudam e preparam galas para formarem côrte a uma gloria do seu sexo. Os mestres e os alumnos das sciencias dispoem-se para proclamarem o simbolo vivente e magico da arte. A plebe inveja aos mimosos da fortuna, para quem ha de haver ingresso 'naquelle alcaçar de maravilhas! Sim: a plebe de Athenas é menos grosseira, mais alumiada, mais inspirada, menos remota do bello, menos plebe emfim, que a das outras partes. Será effeito da sua convivencia com esta mocidade de eleição, de saber, e de enthusiasmo? será virtude dos ares? será exalação da terra, amassada de ruinas tão poeticas?

Não sei. O que ninguem deixaria jámais de notar passando por Coimbra, é que 'naquelle ambiente luminoso e tepido sóa a falla portugueza mais correcta e formosa que em nenhum sitio; e se ouvem de labios que nem as primeiras lettras aprenderiam, revelações como que instinctivas de uma sciencia vaga, desambi-

ciosa, sem consciencia de si mesma; assim como em nenhuma outra parte da terra portugueza nos enlevariam fallas tão suaves, nem cantares tão nativos e melódiosos de mulheres, como o cantar e as fallas até das mais obscuras e humildes moradoras das margens do Mondego.

As aguas do bem fadado rio já ouvimos attribuir aquella virtude harmoniosa e musical; e será assim; outro tanto se encarece dos ares e aguas da Italia. Valha-me Deus! que tão difficil me é furtar-me ás digressões encantadoras e saudosissimas que de todos os lados me chamam em se fallando d'aquella feiticeira terra da minha adolescencia, onde eu não compuz, mas colhi no ar, se bem me lembra, os versos de *Echo e Narciso*, o *Amor e Melancolia*, os *Cantos de Abril e de Maio*, por entre os das andorinhas e das cotovias nas madrugadas, os das camponezas pelas tardes, os dos rouxinoes e dos salgueiros pelas deshoras das noites não dormidas. Ai meu Virgilio! quão bem me não entenderas tu estas saudades, quando cercado do tumulto de Roma suspiravas com os olhos virados para a tua Grecia:

*Flumina amem silvasque inglorius. O, ubi campi
Spercheosque, et virginibus bacchata Lacænis
Taygete! o, qui me gelidis in vallibus Hæmi
Sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!*

Não tentarei descrever o mixto de attenção e alvoroço, de silencio até no respiro, e de transportes nas phisionomias e nos olhos, com que na sala, tão pouco affeita a representações, e menos ainda com damas, Coimbra assistiu ás prodigiosas transfigurações da rival de Ristori. O abraço da italiana a tinha ainda engrandecido; estes ares agora, este auditorio juvenil, ardente, impressionavel, entusiasta, louco sublime, como ella, a elevava por ventura acima de si mesma, até umas alturas de perfeição desconhecidas. O palco era mundo; a representação era vida; a arte, devolvia-se á natureza; a actriz desapparecera: amava-se, padecia-se, ria-se, chorava-se com a personagem real presente e incontestavel. Por um sentimento dos mais delicados, que ali se entendia bem, nem se ousava applaudir durante a fascinação d'aquella voz, d'aquelles gestos, d'aquelles movimentos incomparaveis. Ter-se-hia cuidado approvar infortunios verdadeiros; era só quando o panno caindo vinha recordar onde se estava, era só então, que as palmas, as chamadas, os alaridos trovejavam, que choviam as coróas, que as proprias damas se entregavam á felicidade de festejar, e agradecer o bello.

Mas apressemo-nos em dizel-o: não era só o bello que ali se agradecia e festejava; era o bom, era o nobre, era o generoso tambem; o genio tinha que repartir da sua ovação com a virtude.

As suas representações foram beneficios: já para o mesmo theatro; já para a infancia desvalida. Como eu a interpretava bem quando lhe compuz o *monologo* que se leu no principio d'esta biographia! Ali dizia ella ao primeiro d'estes dois objectos:

Oh! se te amo, theatro! Oh! se te devo amor!
Quanto sou, foi teu don, meu bello salvador!

.....

E ácerca da infancia:

..... quando escuto a voz da humanidade
invocar no infortunio a meiga caridade,
corro; acudo voando ao theatral festim;
do que eu propria soffri, se fez piedade em mim;

Emilia em Coimbra nada quiz para si. 'Num jardim onde os loireiros lhe podiam chover flores de oiro, contentou-se com um amor perfeito e uma saudade. Nada ha mais desinteressado que o genio quando verdadeiro. Este appareceu ali como a aurora, como a primavera, como todas essas mythologicas divindades que derramavam gratuitamente os prazeres, e em cada prazer um beneficio.

Quão proprio não seria se ella tivesse ali representado a *Ignez de Castro* e a *Maria Telles*! Que inspirações lhe não houveram dado os cedros da *Fonte das Lagrimas*, os pavimentos de ladrilho, as abobadas, e as janellas arqueadas do palacio velho de Sobripas! a *Ignez de Castro* sobre tudo! Mas este assumpto infeliz trinta vezes tratado em portuguez, e outras tantas ou mais, em todas as linguas da Europa, está ainda á espera de um talento que se lhe eguale. As tragedias *Castros*, desde a *Castro* de Ferreira, até á *Novissima Castro* de não sei quem, são apenas simulacros do tumulto de affectos, de magoas, e de terrores que até nas mais frias almas se levanta, mal se escuta o nome d'aquella heroina do amor. Póde-se applicar a todos esses pobres escriptos, o verso de Delleille fallando dos espectros nos Elysios:

Vaines ombres qu'amuse une ombre de la vie.

«Tragedia pelos moldes velhos! tragedia em verso para Ignez de Castro! — me dizia uma vez Emilia, a proposito d'esta sua estada em Coimbra -- é matar enterrado em gelo o assumpto mais fogoso: é perpetrar na *misera e mesquinha* segundo homicidio, e impossibilitar-lhe a coroação posthuma. *Ignez de Castro* pertence por todos os direitos ao drama, tal como o constituíram Goethe e Schiller, Dumas e Victor Hugo. Assim m'ò segredaram — proseguia ella — assim m'ò repetiram uma noite de luar que eu passeiava sósinha a passos rapidos, talvez com fêbre, por deante da *Fonte das Lagrimas*, assim m'ò confirmaram, porque o sabiam, as arvôres confidentes de tantos segredos, as pedras retinctas de tão acceso sangue, e os mochos, écos longinquos dos ais e gemidos da moribunda.»

De nenhuma terra trouxe a nossa actriz mais artisticas saudades que de Coimbra. No Porto, illuminára-se na gloria de Ristori; aspirára heroicidade, conquistára pelo seu porte respeito e amisade, que ainda lá se lhe conservam em muitas das principaes familias; em Braga, onde só foi de relance para apertar a mão honrada e amiga que primeiro a salvára; em Braga colhera mais que as impressões de um panorama natural que em vasto e formoso a nenhum cede: sentiu-se querida como filha no meio de uma familia revelação do velho Portugal nos dias de sua melhor virtude e cordialidade; e colhera ainda por cima bençãos, salvando da miseria a outra familia com um beneficio theatral concorrido por todas as povoações da cercania; mas em Coimbra, na terra do Mondego, da mocidade, da vegetação sempre verde, da poesia sempre viçosa; em Coimbra, onde os nomes mesmos dos sitios espiram suavidade: *Penedo da Meditação, Penedo da Saudade, Alegria, Agua de Maias, Arregaça, Santa Margarida, Santo Antonio dos Oliveaes, Quinta das Lagrimas, Fonte dos Amores, Quinta das Varandas, Bella-Vista, Lapa dos Poetas, S. João de Almedina, Sophia,* em Coimbra é que a alma impressionavel de uma poefisa como esta, pois o é indubitavelmente, se devia sentir no seu elemento! Por ali algures devia estar o berço em que a emballaram! tanto aquillo tudo.lhe accordava affectos parecidos no delicioso, no puro, no inebriativo com saudades da infancia!

O Corpo Academico, este mancebo moral tão generoso, tão bom, tão sympathico, ave, ali de arribação, como ella, parecia-lhe um irmão que no entusiasmo do seu puro e devoto amor se aprazia de a coroar de flores, e para quem ella sorria como uma afortunada para o seu espelho.

Os estudantes depois de a applaudirem e acclamarem na platéa,

acompanhavam-na em prestito com musica até á sua hospedaria, convisinha ao Mondego; e ali prolongavam por baixo das varandas abertas á viração tepida a obsequiosa serenada.

Se algum serão se fa espaiecer rio abaixo 'num barquinho, uma flotilha d'outros barquinhos rebentava como que por encanto dentre os chopos da varzea, e a seguia, tocando e cantando. Veneza com as suas gondolas e descantes acharia que invejar áquelles descuidosos passeios, em que as estrellas mesmas se reviam.

Oh mocidade! oh poesia! oh Coimbra, que cifras em ti ambas estas filhas do céo.

(Concluir-se-ha)

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



CANÇÃO DOS PIRATAS

(Traduzido do Corsario de Byron.)

Sobre as ondas do mar azul ferrete
 Sem limites são nossos pensamentos,
 E como as ondas nossas almas livres.
 Por quanto alcança a doudejante brisa
 Cobrindo a vaga de fervente escuma
 Nós temos uma patria! Eis os dominios
 Onde fluctua o pavilhão que é nosso,
 Sceptro a que devem humilhar-se todos!
 Turbolenta e selvagem quando passa
 Da lucta ao ocio, em taes alternativas
 A vida para nós tem mil encantos!
 Mas estes, oh! quem pode descrevel-os?
 Não serás tu, escravo dos deleites,
 Tu, que ao ver-te no cimo inconsistente
 Das alterosas vagas desmaiaras!
 Não serás tu, vaidoso aristocráta,
 Educado no vicio e na opulencia,
 Tu, que nem podes repousar no somno,
 Nem achar atractivos nos prazeres.
 Oh! quem pode no mundo compr'endel-os?
 A não ser o incansavel peregrino
 Destes plainos que ficam sem vestigios,
 Do qual o coração affeito aos p'rigos
 Pula orgulhoso em delirante jubilo

Quando se vê sobre o revolto abysmo !
 Só elle presa a luta pela luta
 E espera ancioso a hora do combate.
 Quando o fraco esmorece apenas sente
 No mais profundo do agitado seio
 A esperança que vivida desponta
 E o fogo da coragem que se accende !
 Não nos assusta a morte, oh ! não, comtanto
 Que a nossos pés succumba o inimigo.
 E comtudo mais triste que o repouso
 Inda parece a morte ! mas embora,
 Embora, oh ! pode vir ! ao esperal-a
 Vae-se exaurindo a essencia desta vida,
 E quando ella se acaba pouco importa !
 Cahir pela doença ou pela espada !
 Haja um ente que prese inda algum resto
 D'existencia senil ! viva aspirando
 Sobre o leito da dor um ar pesado,
 Erguendo a custo a tremula cabeça !
 Para nós são as relvas florescentes !
 Em quanto ess'alma expira lentamente
 Foge a toda a pressão d'um salto a nossa !
 Possa ainda ufanar-se esse cadaver,
 Da cova estreita e do marmoreo tumulo
 Que a vaidade dos seus lhe consagrara !
 São raras mas sinceras nossas lagrimas,
 Quando o oceano abrindo-se sepulta
 No vasto seio os nossos camaradas !
 Ainda mesmo no meio dos banquetes
 Funda tristesa nos rebenta d'alma
 Quando a purpurea taça erguendo aos labios
 A memoria dos nossos coroamos.
 E o seu breve epitaphio é redigido
 Ao por do sol do dia da batalha,
 Ao dividir as presas da victoria,
 Quando a exclamam os rudes vencedores
 Com a fronte annuviada de saudades :
 «Ai, de nós ! como os bravos que morreram
 Folgariam ditosos n'esta hora !

BULHÃO PATO.

BRINDE DE ANNOS

Recitado num jantar em Cintra

Hontem á noite a serra, a serra umbrosa, extensa,
punha-me nalma oppressa uma tristeza immensa!

Dos cumes, do luar, da solidão, do céu,
desciam sobre mim como as sombras de um véo.
A noite amena, estiva, os sons da immensidade,
(oh! deixae-me dizel-o) a saudade, a saudade;
da brisa ardente e vaga as caricias sutis,
e a nocturna mudez (mudez que tanto diz!)
embalavam minh'alma em nuvens de poesia;
transportavam-me aos céos da metrica harmonia.

Mudo, á janella, estranho ao mundo, alheio a vós,
conversava co'a serra, intendia-lhe a voz.
Vinha em balde o piano a chamar-me, a inspirar-me;
e eu em mim me buscava, e não sabia achar-me.

Mas fugiu co'a nova aurora
toda a nevoa da tristeza!
e já Cintra, a montanheza,
me sauda entre o arrebol.
Salve Cintra! salve! Fira
no ecoar da serrania
este *salve* da poesia
sob os céos que inunda o sol.

Hoje, em quanto nesta sala
nos reune a mesma festa,
nobre Cintra, tu me empresta
a poesia de teus montes;
a poesia namorada
dos teus verdes, dos teus ares,
d'essas penhas seculares,
d'esses vastos horisontes.

Eia! accende a lira! accende-a!
Quero erguer um himno Áquella,
que em seu lar graciosa e bella
nos acolhe, e nos inspira ;
que em si mesma junta, irmana,
c'o fulgor de altas grandezas
mil carinhos mil simplezas.
Eia accende a minha lira!

Nós, amigos, exaltemol-o
este nome doce: Emilia!
Vede-a: cifra na familia
o seu mundo, o prazer seu.
Oh! saudemos no enthusiasmo
empunhando as vineas taças
esta quarta irmã das Graças,
que em tal dia o céo nos deu.

JULIO DE CASTILHO.

Hoje em quanto nesta sala
 nos retemos a escrever esta
 sobre o theatro, to nos emprega
 a poesia de seus montes,
 a poesia memorada
 dos seus ventos, dos seus rios,
 d'esses ventos seculares,
 d'esses ventos lunares.

CHRONICA



ao theatro nacional que vamos hoje dedicar as paginas da chronica. Parece-nos opportuna a occasião. E a razão da opportuidade é o estimulo que a lei de 4 de outubro do anno passado, proporcionou aos auctores, fundando um concurso dramatico annual, em que se conferem premios ás duas melhores producções que forem apresentadas n'esse concurso.

No nosso paiz a arte dramatica, considerada em frente do desenvolvimento e progresso que têm tido em França está relativamente atrasada; considerada na presença dos poucos meios que se tem empregado para a cultivar e da falta de protecção que tem tido, e ferindo direito o alvo, em presença dos acanhados e ridiculos interesses que um auctor podia tirar até aqui, como premio das suas vigílias, do seu estudo e trabalho, tem caminhado.

É convencimento nosso, que, em quanto não houver um repertorio, portuguez na indole e na fórma, no pensamento e na concepção o theatro nacional, não existe. Vivendo, como tem vivido, de um repertorio emprestado e de contrabando, pôde ser uma distracção, um passatempo recreativo, mas é nullo para resurgir a arte outr'ora florecente n'este mesmo solo. Por mais perfeita que seja uma versão, por baixo

da phrase portugueza, transparece sempre a idéa estranha, e isto basta para a prejudicar.

Além d'isso, os nossos actores estão sempre reproduzindo na scena typos que desconhecem, costumes que ignoram, uma sociedade peregrina, uma vida diversa, d'onde nasce essa falta de verdade que tanto se lhes censura, sem indagar a causa nem investigar o motivo.

Havia tambem um erro, erro da origem, e que nós tambem vamos tentar provar. Parece-nos que, uma vez intitulado o theatro, nacional e normal, o pensamento que devia ter presidido á sua fundação, era promover simultaneamente o interesse dos auctores como o dos actores, visto que estes, julgamos nós, não podem existir sem aquelles, provado como deve estar, mesmo para a intelligencia mais acanhada, e rebelde, que o theatro portuguez não pôde existir sem um repertorio portuguez, a não ser que o titulo de normal caiba unicamente ao edificio; fica evidente queurgia animar a criação e desenvolvimento d'aquelle repertorio, para termos verdadeiramente theatro, e foi o que se tentou levar a effeito com a lei de 4 de outubro.

Convenceram-se, que, o incitar auctores era a parte primaria, principal e legitima da inauguração da scena nacional; os actores mesmo seriam a consequencia, porque o não serão deveras em quanto disserem uma phrase estranha d'aquella iniciativa da arte.

A litteratura dramatica, é, como toda e qualquer litteratura, a prova que fica, da civilisação e do progresso de um paiz, e é debaixo d'este ponto de vista que devia ser considerada a protecção e o valimento que cumpria applicar ao theatro. A litteratura dramatica, pôde ainda abranger uma esphera maior, ser de uma grande utilidade futura, de um interesse indefinido. Sempre foi opinião nossa, arreigada e intima que o theatro deve ser a reproducção verdadeira dos costumes contemporaneos, da vida do nosso tempo, da sociedade actual, pintando assim uma época, que pôde mais tarde servir á chronica, fazer-se por elle uma idéa completa, ou pelo menos aproximativa, dos habitos e das tendencias do seculo, seguindo de perto os vestigios da historia social ou familiar, e reconstruindo-se pelo pensamento uma civilisação eclipsada.

É este hoje o titulo de maior valia de Aristophanes e do theatro grego. Seria tambem uma escola de educação. Não se fazia senão seguir as tradições dramaticas dos dois ultimos seculos.

Molière retratou uma época inteira, deixando á França nas suas comedias, uma copia fiel dos marquezes, das preciosas ridiculas, dos medicos e dos tartufos do século de Luiz XIV.

Mais tarde, com um aspecto menos profundo, e com um alcance mais restricto, tiveram os personagens de Lesage, de Regnard e Darcourt, rematando em Beaumarchais. A final os exitos brilhantes ultimamente alcançados em França, por Pousard, Augier, Feuillet, Sandeau, Legouvé e Dumas filho; e entre nós por Mendes Leal nos *Homens de Marmore*, e na *Escala Social*, por Camillo Castello Branco, nas *Abençoadas Lagrimas* e *Morgado de Fafe*, por Antonio de Serpa, no *Casamento e Despacho*, por Palmeirim, em *Como se sabe ao poder*, por João de Andrade Corvo, no *Alliciador*, e por Cascaes na *Pedra das carapuças*, firmam-nos na opinião de que é este o verdadeiro trilho a seguir.

Mas não era necessario para um homem se poder entregar do coração a obter taes resultados vêr n'esse trabalho, n'esse estudo uma carreira honrosa e proficua? Ter a certeza de que cultivando e consagrando o seu talento á arte dramatica, consegue um resultado lisongeiro?

Não sendo assim, havia de acontecer necessariamente que todos aquelles que poderiam dedicar-se a esta carreira, applicariam com preferencia a sua penna ao jornalismo ou a outro qualquer empenho que lhe dava melhor retribuição: em quanto o theatro não lhes offerecesse interesse em maior escala, essas intelligencias haviam de applicar-se a outros ensaios, e o theatro continuaria a sua existencia parasita sem ter uma escola sua e auctores da sua terra.

O facto é que dos auctores nunca se tratou seriamente, senão agora. N'este ponto, portanto, não podemos deixar de louvar o novo regulamento, embora o censuremos em muitos outros.

A primeira censura que acode aos bicos da penna, é por haver alargado o genero das peças destinadas a formar o repertorio do theatro normal. Para a administração pôde ser a medida vantajosa; para a arte é prejudicial. Os bons dramas, sustentados por exactos e perfeitos caracteres, concorrem necessariamente para formar bons artistas; os melodramas só de effeito, e geralmente sustentados por falsos personagens, concorrem sempre para estragar os actores. N'aquelles exige-se uma dicção pura, uma declamação natural, gestos verdadeiros; para estes a dicção é precipitada, a declamação convencional, o gesto exagerado. Uns captivam o expectador pela verdade dos sentimentos, os outros exaltam as platéas pelo inesperado das situações, que raras vezes se justificam.

Mais outros defeitos podiamos ainda apontar na lei, mas a nossa intenção não era analysal-a, nem para o fazer tinhamos já espaço.

Sabemos que um dos motivos que promoveu o erro que mencionámos foi a dotação do theatro não chegar para satisfazer ás exigencias que lhe estabelece o titulo de normal. Mas ao governo cumpria tornar verdadeiro o rotulo, ou não lh'o pôr. Se fundou uma escola de daclamação para cuidar do futuro da arte, complete a reforma tornando a primeira scena nacional o que ella deve ser.

Principiaram despertando a emulação nos actores estabelecendo premios. Não esmoreçam. Dotem o theatro embora, mas tornem-o proveitoso. Façam-n'o meio de educação. Abençoarão a despeza. Todo o dispendio é proficuo, quando é util; todo é demais quando é inutil.

Tem hoje á frente da administração um homem que os ha de coadjuvar. Ao actual commissario regio o Sr. A. J. da Silva Abranches, sobram-lhe intelligencia, boa vontade e illustração para desempenhar lisongeiramente o cargo que, acertadamente lhe confiaram.

ERNESTO BIESTER.